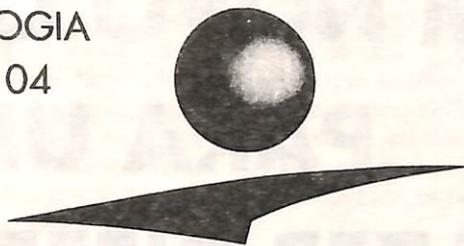


CONSELHO
REGIONAL DE
PSICOLOGIA
CRP - 04



G E S T Ã O
PSICODIVERSIDADE
CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA - 04

i o r n a l d o
P S I C Ó L O G O

BELO HORIZONTE, ANO 9 • Nº 39
DEZEMBRO 1992/JANEIRO 1993

Psic. Maria do Carmo Martins Fonseca
Agente de Orientação e Fiscalização
CRP-04, 8942

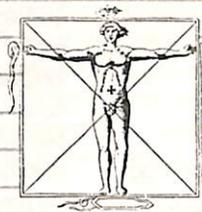
Entrevista - Em busca de uma modernidade ética. É esta a aventura que o economista Cristóvam Buarque propõe aos psicólogos. O desafio está na página 3.



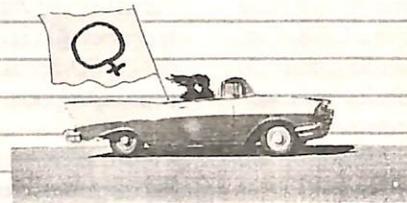
Teses defendidas por profissionais de Psicologia não ficam mais restritas às instituições de ensino. São apresentadas na página 5. Em primeira mão, "A criança surda e seu mundo: o estado-da-arte, as políticas e intervenções necessárias".



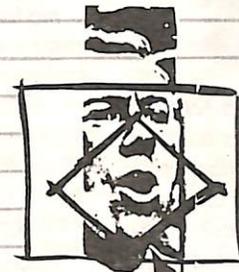
O sucesso da Psicanálise é o triunfo da religião e da ciência. Saiba porque na página 7.



Thelma e Louise. Do Grand Canyon saltam para o irreversível. E das salas de projeção, para a página 9.



"Psicologia e Exercício da Cidadania", agora, um fato. Página 11.



Farsa e tragédia, duas faces da mesma moeda: uma hipótese, um convite à reflexão. Página 12.



E no Suplemento, "O Mito", sob dois diferentes olhares.



Em cena: novo roteiro, diferentes personagens, estimulantes imagens e ações.

1993: uma super-produção com final feliz.
É o que se deseja.

Ética e Cidadania, termos até então pouco utilizados e conhecidos, ganharam as ruas do País durante o processo de pedido de impeachment do presidente Fernando Collor. Viraram palavras de ordem nas vozes da maior surpresa nacional, os jovens caras-pintadas; além dos democratas de última hora, de oportunistas sem fim. A banalização era um risco, prontamente afastado: Ética e Cidadania estão sendo resgatados para serem efetivamente incorporados pela sociedade. É o movimento pela "Ética nas prioridades", lançado nacionalmente em 10 de novembro último. Educação, saúde, alimentação, transporte são algumas das prioridades defendidas e apoiadas pelo CRP-04.



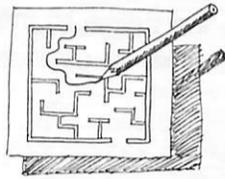
Melhoria da qualidade de vida e o devido reconhecimento dos direitos do cidadão. Em síntese, este foi o discurso que fez do candidato Patrus Ananias (PT) o prefeito eleito de Belo Horizonte. E é justamente com base nas suas propostas que o CRP-04 vai acompanhar sua gestão apoiando as ações já respaldadas pelo voto popular ou interferindo para defender os interesses da sociedade, na qual a Psicologia se insere.



○ Dia Nacional de Luta Antimanicomial é 18 de maio, mas nada impede que se brigue pela mudança do modelo asilar durante todos os dias do ano. Entre os que pensam assim está o Conselho Federal de Psicologia que está espalhando por todo o País 1 mil exemplares de um disputadíssimo poster que fala por si mesmo: "Na luta antimanicomial: rompendo preconceitos e expandindo a vida".



○ Conselho Regional de Psicologia 4ª Região (MG/ES) - CRP-04, através da Câmara de Psicologia Educacional, vem discutindo o papel do psicólogo escolar visando a elaboração de um projeto a ser encaminhado ao Congresso Regional Constituinte. Sua participação é fundamental.



Ninguém é obrigado a pagar anuidade ao Conselho Regional de Psicologia se não estiver exercendo a profissão. Mas o CRP-04 também não é obrigado a saber disso. Portanto, se este é o seu caso, requeira o cancelamento de sua inscrição para ficar isento do pagamento. Mas para isso é necessário que esteja em dia com a autarquia e que não esteja respondendo processo ético. Comunique-se e será atendido! Para saber mais sobre procedimentos junto ao CRP-04, entre em contato com as fiscais, que entre outras funções, trabalham também para te orientar: (031) 261-1146, de 13:00 às 17:00 horas. O Conselho agradece. Obrigado.

Na próxima edição do *Jornal do Psicólogo* serão apresentadas a *Receita e a Despesa do CRP-04* para que toda categoria possa acompanhar como tem sido empregado seu dinheiro.



○ CRP-04 está à disposição de todo e qualquer psicólogo que buscar a autarquia para informações, solicitações e críticas. Mas atenção: não perca o seu tempo. A sede, em Belo Horizonte, funciona de 12:30 às 18:30 horas.

Durante todo o ano o CRP-04 está aberto aos psicólogos. Menos no período de 24 de dezembro de 1992 a 04 de janeiro de 1993, quando está em recesso.

UM NOVO OLHAR PARA UM FAZER DIFERENTE

Chegamos! A nova gestão da CRP-04, autodenominada "Psicodiversidade", conta com profissionais das diversas áreas da Psicologia, bem como com psicólogos do interior de Minas e do Espírito Santo. Chega com sangue novo e no novo se produz um olhar diferente.

Munidos com a nossa experiência fora da autarquia e atentos ao momento vivido dentro das instituições, visamos a dinamização e a qualificação de nossa prestação de serviços. A proposta é propiciar a participação dos psicólogos no CRP-04, acreditando que, bem articulados, faremos avanços políticos tão necessários quanto significativos.

No que diz respeito às funções básicas até então instituídas pelos Conselhos (orientar, fiscalizar e disciplinar), não pretendemos relegá-las mas colocá-las sob a júbice do diálogo, do entendimento e da cientificidade, caminhos através dos quais procuraremos avançar cada vez mais.

Contemplar a diversidade da Psicologia enquanto ciência e profissão e qualificar nossos profissionais é nosso objetivo primeiro, ao lado do questionamento apurado das funções e funcionamento dos Conselhos Regionais e Federal de Psicologia. Para tanto, já estamos engajados no "Processo Constituinte dos Psicólogos", no qual todas as nossas ações visam uma nova organização da Psicologia no Brasil.

Nossa intenção é uma ampla mobilização dos psicólogos e da sociedade em torno da Psicologia para que, através de discussões amplas e democráticas (que já se iniciaram), possamos não só repensar, mas também redefinir nossa profissão e nossas instituições.

Nossas estratégias já começam a ser colocadas em prática através desse próprio jornal que vem não só informar, mas convidar todos os psicólogos a participar conosco dessa empreitada. Esse convite já nos deu retorno no evento promovido pelo CRP-04 (Comissão Regional Constituinte), onde profissionais e estudantes de diversas áreas vieram discutir "Psicologia e Exercício da Cidadania".

Queremos divulgar a Psicologia não só para os psicólogos mas para todos os cidadãos, pois acreditamos que assim obteremos novos contornos para nossa práxis, fundados na demanda da sociedade em que estamos inseridos.

Nossos grupos de trabalho, divididos por área de atuação, já estão funcionando e recebendo todos os interessados em ampliar conhecimentos e participar do Processo Constituinte que perpassa todas as camadas de trabalho.

Criamos uma Comissão Científica com a participação de todos os membros do Plenário (21 conselheiros), fiscais e psicólogos, além de outros profissionais que se apresentam para contribuir com o alargamento do conhecimento da Psicologia. Dessa forma pretendemos ter e dar sustentação científica à nossa prática, bem como conquistar o reconhecimento social.

A inauguração do novo produz um olhar diferente. Diversidade e qualificação na prestação de serviços.

Gestão Psicodiversidade - 7º Plenário

qualidade do conteúdo, nossa preocupação foi a de editar uma publicação atraente, com cara nova (cara-pintada?).

Optamos pelo resgate do suplemento Escuta, que se caracteriza por sua edição temática e baixa perecividade. Neste número, duas abordagens sobre o Mito, que podem merecer arquivo ou coleção.

Nas outras 12 páginas do jornal optamos por temas de interesse nacional e da Psicologia como a entrevista do economista Cristovam Buarque, a página Mídia ou a matéria sobre Cidadania. O JP também pretende ser espaço para a qualificação do psicólogo. É só conferir os artigos que, embora apresentem abordagens distintas, têm, em comum, a preocupação com o fazer profissional.

Esta nova edição do *Jornal do Psicólogo* é apenas um esboço do que pretendemos alcançar; fazer com que a publicação atenda aos interesses de seu principal gestor: o psicólogo.

Ricardo F. Moretzsohn
Presidente da Câmara de Comunicação Social

FILIGRANAS

BASTIDORES DO JP

Como fazer um jornal que efetivamente seja lido pelos psicólogos? Este foi o grande desafio com o qual nos deparamos quando começamos a pensar um novo projeto para o *Jornal do Psicólogo* (JP). Tínhamos a avaliação de que poucos colegas se sentiam atraídos pelo que vinham recebendo até então e o nosso intuito era reverter esta situação. Afinal, um jornal só se justifica se existem leitores.

Partindo deste princípio, concluímos que só com muita criatividade e uma certa dose de ousadia poderíamos criar algo novo, resistindo à tentação de repetir fórmulas já existentes. Então, mãos à obra.

O primeiro passo foi reformular o projeto editorial trabalhando sempre com a idéia de que este jornal não é simplesmente para o psicólogo e sim do psicólogo. Isto resultou em uma mudança estrutural do projeto cuja abordagem deveria priorizar o interesse do profissional e não somente da autarquia. É evidente que o Conselho não só pode, como deve utilizar o jornal para informar sobre suas ações; mas desde que sejam realmente do interesse do leitor.

O passo seguinte foi a reformulação também do projeto gráfico pois além da

Em seu livro, você fala sobre o apartheid no país, que pode ser patrocinado inclusive pelos trabalhadores que, ao negociarem com os empresários, excluem a massa. Quem são os excluídos do país?

São aqueles que não cabem no tipo de modernidade técnica que vem sendo executada no Brasil e no mundo nos últimos dois séculos. O processo de desenvolvimento com base na técnica tem restrições para se espalhar para toda a população do mundo. Limitações ecológicas e técnicas mesmo: não há recursos e capital suficiente para empregar toda a população com base nas técnicas que nós usamos hoje. Diante disso, aumenta o número de desempregados no mundo inteiro. São excluídos porque não entram. Mas são excluídos também por outra razão.

Qual razão?

A gente não percebia e Marx também não percebeu, é que os trabalhadores, quando são incluídos, passam a ter uma convivência e uma solidariedade inclusive com os capitalistas. Então os outros são excluídos porque não entram mas também porque os trabalhadores que entram se diferenciam deles.

E o que mudou?

A grande diferença é que antes havia uma esperança dos excluídos de serem incorporados, de passarem a fazer parte do sistema também. O que mudou nos últimos anos, ao meu ver, foi a tomada de consciência da impossibilidade de incorporar todos. Esta é a grande questão. A tomada de consciência é internacional e se reflete no Brasil.

Cristóvão Buarque é economista e autor do livro "A Revolução na Esquerda e a Invenção do Brasil". Em entrevista ao Jornal do Psicólogo, em ocasião do lançamento do livro em Belo Horizonte, Buarque defende uma "modernidade diferente", uma "modernidade ética" para acabar com todo e qualquer tipo de exclusão. E é este o desafio e a aventura que propõe para a Psicologia.



E o que fazer em relação a estes desintegrados, se agora não há como inseri-los?

Não há nesta modernidade. A gente vai ter que inventar uma modernidade que tenha como objetivo a não exclusão. Se a gente mudar o conceito de modernidade e fizer uma modernidade ética, com base em objetivos, a gente pode colocar como um dos objetivos não haver apartheid social. O que significaria isso? Ninguém estar excluído do básico que precisa para viver decentemente. Este seria o objetivo de uma modernidade diferente, de uma modernidade ética. Se a gente fizer isso, acaba a exclusão.

Qual o papel das entidades de classe dentro dessa atual realidade brasileira constituída também pelos excluídos?

São três tipos. Primeiro é o espaço dessa discussão ideológica que a gente tem hoje: sobre o tipo de modernidade que a gente quer; em todo lugar tem que se discutir isso, é um discurso de idéias, ideológico. Segundo, é o nível da militância política. Como é que a gente vai levar este país a optar pela nova modernidade. Até mesmo na tomada de poder de alguns partidos ou de alguns grupos de partidos que têm uma visão alternativa do país. Terceiro é o nível técnico, específico de cada categoria, se preparando para o dia em que a gente tiver uma proposta de governo, no poder, para acabar com o apartheid. O que vão fazer os psicólogos? Continuar tratando dos problemas existenciais das classes altas ou médias ou tratando da recuperação de alguns milhões de crianças abandonadas que apresentam um problema difícil de incorporar? O que o psicólogo vai fazer com isso? Então está na hora da gente começar a trabalhar tecnicamente. Como é que vai ser a reciclagem do papel de cada profissional numa sociedade onde uma modernidade buscada seja uma modernidade com fins éticos.

Em 1993 acontece o Congresso Nacional Constituinte dos Psicólogos que pode mudar os rumos da Psicologia e da própria autarquia. Existe uma tendência de fazer com que o Conselho tenha um papel mais político. Como deve ser feito isso?

Eu colocaria como tema central do debate, a Ética. Não a Ética do psicólogo, a Ética do médico... não. Tem que ser a Ética da sociedade. A Ética das prioridades da Psicologia. Não a Ética com a qual o psicólogo trabalha, mas a Ética com a qual a Psicologia vai dedicar o seu trabalho. O primeiro ponto é esse. O segundo é o entendimento do Brasil nessas duas camadas separadas, os incluídos e os excluídos e perguntar se a gente quer uma sociedade de claro apartheid ou se a gente quer uma sociedade integrada. Veja que eu não falei em sociedade com

igualdade, que é outra coisa, mas integrada, em que ninguém seja excluído do básico. Se a gente quer uma sociedade integrada, como deve ser o papel da Psicologia? E o que eu fico satisfeito é que vocês falam em mudança de rumos. Vocês estão mais avançados que as universidades. Elas não estão discutindo mudança de rumo e sim, como fazer uma estatuinte democrática. Não basta ser democrata no sentido de estabelecer uma estrutura. Tem que ser democrata mas com mudança de rumos.

O Conselho Federal de Psicologia está fazendo uma ampla pesquisa sobre a demanda social da Psicologia, porque não se limita a tratar de problemas em consultório. A Psicologia é muito mais ampla e compreende o ser humano, entendido como incluído e excluído. Como uma entidade de classe, instituída para fiscalizar e orientar o profissional, pode gerenciar este processo de mudança?

Trazendo a Ética para o debate. Mas a Ética das prioridades do papel da Psicologia. Não precisa punir ninguém, nem obrigar ninguém a fazer o que não gosta. Mas ter uma campanha grande de divulgação em que o compromisso da Psicologia não seja apenas com cada um dos indivíduos, mas com o conjunto dos indivíduos através de cada um deles. É sobretudo pensar que é preciso levar a Psicologia a uma parcela enorme que não pode pagar psicólogos.

No Brasil temos outra representação de excluídos que são os loucos, os doentes mentais que são trancafiados em manicômios. E tem um projeto de Lei de autoria do deputado federal Paulo Delgado, ainda em tramitação, que se propõe a mudar este modelo asilar. Diversas entidades, entre elas o Conselho de Psicologia, têm apoiado esta proposta. O papel dos Conselhos também seria este, o de levar adiante uma questão para, pelo menos, tentar reduzir esta exclusão?

Claro. eu estou trabalhando com cinco objetivos da modernidade ética. O primeiro é a Democracia, incluindo as liberdades individuais. O segundo é o fim do apartheid, eliminando as carências básicas. O terceiro é uma economia eficiente, para oferecer também os bens que a gente quer; o quarto é o equilíbrio ecológico. E o quinto, é que a gente tenta, no futuro, aos poucos, uma abertura internacional. Nas liberdades individuais, que é o primeiro ponto da Democracia, exige tratar também desse outro tipo de exclusão. Eu estava falando da exclusão social. Você está falando da exclusão que se chama das minorias. E estas entidades querem trabalhar por uma modernidade que seja ética, que inclui a liberdade individual, então tem que lutar também por esses direitos. E esse lado do projeto de Lei do Paulo Delgado eu conheço e acho que é algo de fundamental de se trabalhar com isso. A situação é dramática e a gente vê que os doentes mentais são excluídos por puro preconceito.

Como você vê o Brasil hoje e como a gente está lidando com ele?

Eu vejo o Brasil numa encruzilhada, como aliás, o planeta inteiro. É uma encruzilhada que não vai acabar através de hipocrisias. Tem dois caminhos: ou a gente implanta de vez por todas uma sociedade de apartheid excluindo a maioria e nós aqui, usufruindo das técnicas que se tem, ou a gente muda o projeto de civilização brasileira com base nas técnicas. Os Conselhos têm um papel nisso. Um papel nesse discurso ideológico, de uma idéia nova. Na divulgação dessas idéias. Depois na militância, para que suba um governo que possa fazer isso.

E os partidos políticos?

Eu não vejo como isso ser feito sem os partidos. Mesmo os conservadores podem participar desta proposta. Eles não vão participar da realização de uma utopia plena libertária que nós desejamos, que a deles é outra. Mas a solução desses problemas de base, acho que é possível. E os Conselhos também têm o seu papel. Até porque os Conselhos têm uma coisa que diferencia dos partidos e sindicatos. Eles podem pensar a longo prazo. Os partidos só pensam na próxima eleição e os sindicatos só pensam no próximo dissídio. Então estão muito presos - lamentavelmente, não deviam ser assim - e os Conselhos estão mais soltos. Eles poderiam usar isso para pensar mais livremente um país diferente e a função de cada uma das profissões nesse país diferente.

A Ética realmente interessa à sociedade?

A Ética de impedir que roubem, acho que interessa, porque o roubo começou a atrabalhar a todos os incluídos. O que ainda não se percebe entre os incluídos - é preciso dar um salto da ética do comportamento dos políticos para a Ética das prioridades na política. A gente pode usar um slogan: é preciso saltar da Ética de querer pôr os corruptos na cadeia para uma Ética de querer pôr as crianças na escola; os doentes nos hospitais; os desempregados nas fábricas. Essa passagem é que vai levar tempo. Em Brasília, criamos ontem (10.11.92) um movimento chamado "Movimento pela Ética nas Prioridades: Educação, Já". A gente vai brigar para que a educação seja prioridade, que a saúde seja prioridade, que a alimentação seja prioridade... É preciso chegar nas prioridades. E é este o desafio dos próximos anos, talvez décadas. Porque isso é que eu acho que nesta disputa, quem quiser ver resultados imediatos, é melhor mudar de país. A gente tem que fazer isso como numa grande aventura. Aventura de estar aqui, entre nós, discutindo coisas que podem parecer besteira e podem ser até besteira mesmo, pode não servir de nada, pode ninguém ler a entrevista que você vai escrever, mas não importa, porque se está na grande aventura de inventar alguma coisa. É um desafio e uma aventura. E só prestam quando a gente não tem certeza se vai conseguir realizar.

Especialista aponta erros de psicólogo escolar

Psicóloga chega a diagnosticar que criança tem problema familiar porque desenha o portão longe de casa

Fernando Rossetti
Da Reportagem Local

A secretária-executiva Sandra Dainese, 34, procurou a psicóloga da escola de seu filho Bruno para saber como o garoto se comportava na classe. A psicóloga disse que iria observar o garoto.

Pouco tempo depois, chamou Sandra. A psicóloga havia pedido que Bruno desenhasse sua casa. "Ela me disse que Bruno desenhou o portão muito longe da casa e o pai em um carro na rua", conta Sandra. O diagnóstico: Bruno estava com dificuldades em casa - já que o portão era distante - e também estava sentindo a ausência do pai - retratado no carro. Dados da realidade: Bruno mora em uma vila de São Paulo e o portão fica bem longe da casa; o pai havia comprado um carro novo naquele mês.

O caso é exemplar dos perigos que a psicologia escolar pode representar. "O psicólogo escolar é um profissional em busca de identidade", afirma Maria Helena Souza Patto, uma das fundadoras do Serviço de Psicologia Escolar da USP. Na década passada, Patto mostrou como a psicologia escolar era usada na rede pública para culpar o aluno pela repetência. "É criminoso o psicólogo chegar na escola, fazer uns testes, e dizer que o aluno é que tem problemas. Isso é muito cômodo para os educadores", afirma.

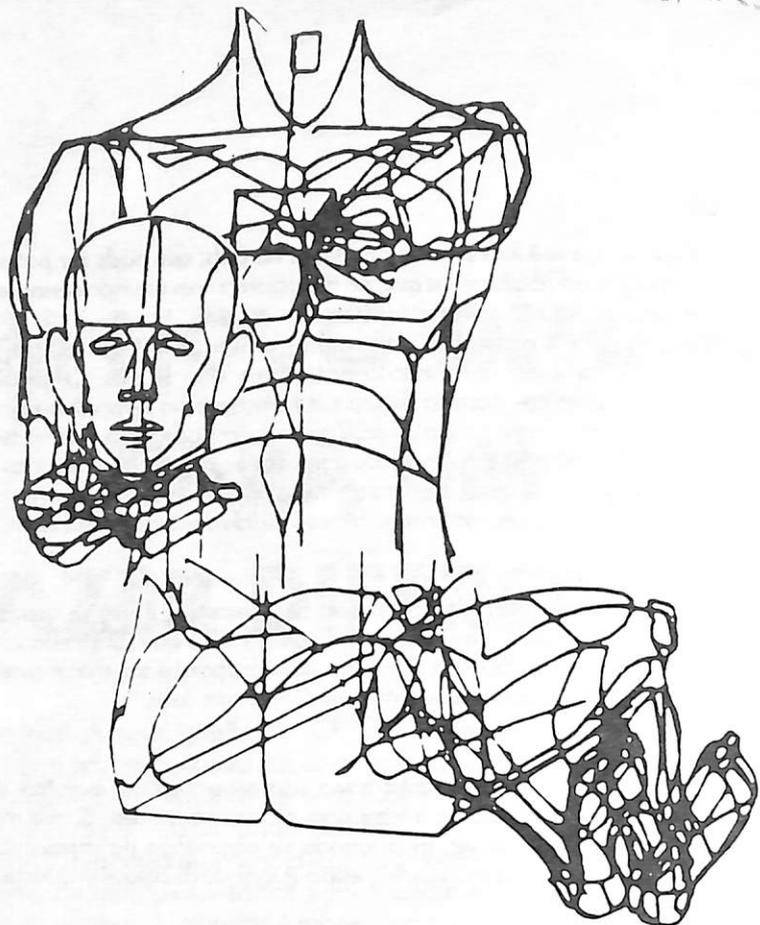
No mesmo sentido, a psicóloga Maria Helena Novaes, 64, que lança até o final do ano o livro "Psicologia e Educação: O Saber Acadêmico e a Prática Profissional", afirma que a questão hoje "é despatologizar e desproblematizar" o enfoque dado pela psicologia escolar. Novaes e Patto criticam a estigmatização das crianças que surge com os estereótipos usados por psicólogos. "Fica uma caça ao problema, à dificuldade do aluno, sem perceber que há todo um sistema errado", diz Novaes.

Erros desse tipo são relatadas na tese de mestrado "A representação de pais de alunos sobre a atuação do psicólogo na escola", defendida há três semanas na PUC-SP por Marisa Corrêa Caetano, 34. Ela relata depoimentos em que as mães "seu filho está com complexo de Édipo".

Segundo as especialistas, a melhor solução para o psicólogo escolar é trabalhar em equipes multidisciplinares, com os professores, tentando tratar mais de questões gerais de aprendizagem do que de problemas clínicos individuais. Para elas, o psicólogo escolar deve apenas encaminhar os alunos "com problemas" - que são "minorias da minoria" - para os clínicos e não tentar tratá-los. No único dos sete casos relatados na tese de Marisa Caetano em que a mãe saiu com uma boa impressão, o trabalho era feito em equipe.

No caso de Bruno, o menino acabou mudando de escola, o que, segundo sua mãe, acarretou complicações psicológicas de fato. "Ele teve problemas de fala e ficou muito ansioso", diz Sandra.

Folha de São Paulo - 08/nov/92



Psicólogo escolar aprofunda matéria de especialista em jornalismo

A reportagem "Especialista aponta erros de psicólogo escolar", publicada na Folha de São Paulo, no dia 8 de novembro passado levanta algumas questões que merecem ser pensadas. O objeto da matéria trata da atuação do psicólogo na escola e suas implicações. Ao final da reportagem o leitor poderá sair com uma imagem negativa e até perigosa daquele profissional.

É bom lembrar que o que está em jogo é a atuação do profissional e não a Psicologia Escolar. Sabemos do grande número de equívocos cometidos por psicólogos, psicanalistas, psiquiatras, assim como de inúmeros especialistas de outras áreas. Existe o uso inadequado de conhecimentos de determinado campo de atuação.

A Psicologia Educacional está num momento decisivo de seu desenvolvimento. O interesse parte não só dos psicólogos como também das instituições educacionais. A atuação do psicólogo escolar como facilitador do processo educativo possibilita maior compromisso e aprimoramento das relações

interpessoais que necessariamente se dão no espaço da escola. Atuação esta que parte do pressuposto básico de que os problemas escolares e educacionais não são isolados da instituição escola, instituição esta permeada por outras instituições e que só poderão ser efetivamente abordadas a partir desta perspectiva.

Na escola não se faz psicoterapia, não se faz clínica. Urge acabarmos, citando Sílvia Lobo, "com a Psicologia que toma forma de receita e que não dá conta da vida". O atendimento clínico, segundo ela, "precisa de condições especiais para o seu exercício. Espaço próprio, tempo e a proteção de um local privado, sem falar da cooperação e necessidade de quem o busca, sem falar da liberdade de vir ou faltar. A Psicologia é uma prática que necessita cumplicidade. O espaço da escola não é um espaço psicoterapêutico, mas pode ser um espaço afetivo, entendendo esse afetivo incorporado ao ato de aprender e de ensinar. Afetivo é poder estar na relação com amor e

com raiva. É ser verdadeiro. Ser afetivo significa estar realmente na relação sem precisar fazer Psicologia selvagem e sem abrir mão do que é próprio de uma instituição e de especialistas do conhecimento, do pensamento, da cultura".

Na escola, se faz Psicologia preventiva. Dentro desta perspectiva a função do psicólogo escolar é insubstituível. É ele quem viabiliza esta prevenção e quando se faz necessário encaminha para atendimentos especializados. É ele quem cuida da saúde mental de todos os elementos que constituem a escola. Saúde mental aqui entendida como a capacidade de se desenvolver plenamente e de estar com o outro, num processo de complementação necessária à formação da identidade pessoal.

A demanda de psicólogo na instituição escolar existe. Necessita-se explicitar melhor esta demanda e sua consequente atuação. Todavia sua atuação já é efetiva e imprescindível, considerando-se as particularidades de cada instituição. Portanto, uma reportagem como esta que suscitou toda esta reflexão, torna-se tendenciosa e capciosa. Mas ao mesmo tempo, abre perspectivas de questionamentos que se fazem necessários e que, obrigatoriamente, ocorrem em um campo de atuação que se descortina promissor dentro da Psicologia. Paga-se alguns tributos quem busca a renovação em sua forma de atuar. Tem que estar de peito aberto para enfrentar preconceitos, distorções e contradições do próprio fazer. Mas acreditamos que só através do enfrentamento de todas estas mazelas é que daremos forma e identidade ao psicólogo escolar.



Edith Lins Eto é presidente da Câmara de Psicologia Educacional do CRP-04

Câmara de Psicologia Escolar

A criança surda e seu mundo

O estado-da-arte, as políticas e as intervenções necessárias

Vânia Prata Ferreira Reis

O presente estudo faz uma análise aprofundada da criança surda e o seu mundo e parte do pressuposto de que tão importante como a preparação dos alunos, pais e professores, é a modificação da visão da sociedade frente ao surdo.

Só assim poderemos buscar um real engajamento do surdo na sociedade.

Para aproximarmos deste objetivo, faz-se necessário compreender melhor a construção da visão de mundo do surdo e as relações sociais possíveis a partir da surdez.

Para tanto, há que se melhor conhecer a criança surda, enquanto pessoa, em seus diferentes núcleos sociais: a família, a escola e a própria sociedade em um sentido amplo.

O conhecimento sobre a criança surda deve ser um pressuposto básico para sua melhor compreensão em termos:

a) **ontológicos** (questões sobre a sua identidade, o seu ser, sobretudo psico-social);

b) **históricos** (isto é, que mediações e que construções sobre o papel do surdo em sociedade têm sido elaboradas e de que forma);

c) **educativos** (de que forma o conhecimento produzido a respeito da criança surda pode e deve ser apropriado pela instituição educativa e pela sociedade, de modo geral, a fim de que se possa resgatar o compromisso ético e político da sociedade em relação ao surdo e vice-versa; e, por fim,

d) **epistemológicos** (qual o balanço que se pode fazer, como resultado da pesquisa, em relação ao conhecimento científico produzido a respeito da educação da criança surda, e, a partir daí, que novos desafios ainda se antepõem ao pesquisador).

O estudo foi desenvolvido segundo abordagem qualitativa, considerando que sua principal preocupação não foi a identificação de leis generalizáveis para o fenômeno em tela, e sim sua compreensão aprofundada segundo as questões de interesse.

O mapeamento que se pretendeu teve que ser buscado através de metodologia histórica e documental, opções que, por sua natureza, melhor se prestam a análises abertas e intersubjetivas.

O resultado final foi uma tese teórica com seis capítulos que abordam as questões mais significativas para os propósitos desejados.

O primeiro capítulo busca situar a realidade da surdez, definindo o cam-

po de observação, procurando entender em vários níveis o que significa a perda da audição, quais as causas da mesma, a realidade nacional, com o crescente aumento das causas de surdez adquirida, devido às más condições de saúde de nossa população. O desconhecimento geral frente à surdez, inclusive no meio médico, tornando mais grave essa realidade. Aborda a séria questão da prevenção: a vacinação poderia evitar mais de 50% dos casos e faz comparativos com estatísticas internacionais dando um panorama bastante amplo do objeto do estudo.

O segundo capítulo procura captar o imaginário da surdez, buscando, pelos métodos que o estudo do imaginário requer, assim como os da pesquisa histórico-documental, as raízes históricas da relação do surdo com a sociedade, dos tempos bíblicos aos dias de hoje, levantando os diversos momentos desta relação e suas implicações para a realidade do surdo hoje.

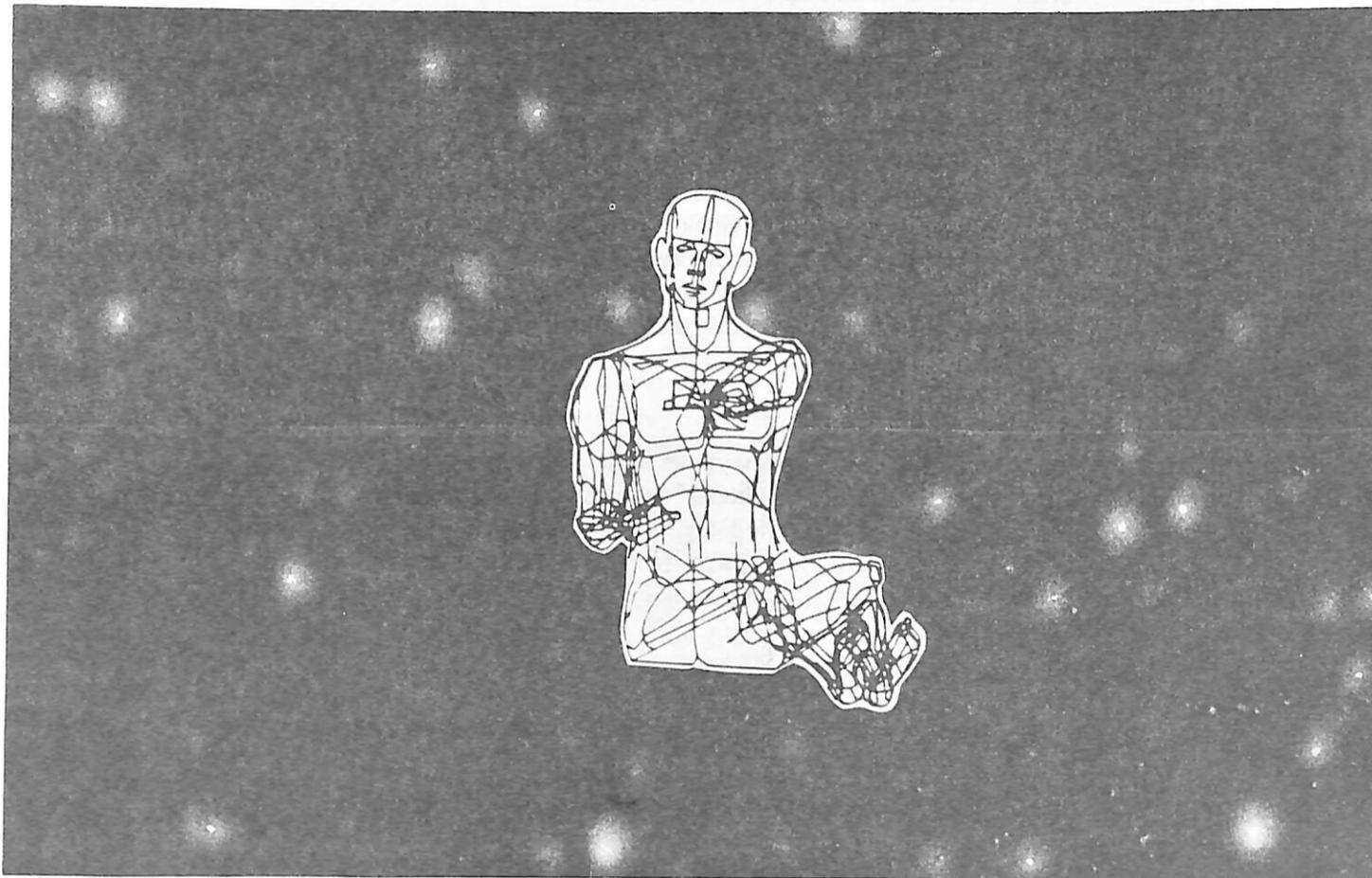
O terceiro capítulo analisa a grande controvérsia que tem permeado as ações educativas na área da surdez: a metodologia oral versus a metodologia gestual e apresenta um quadro comparativo dos três grandes momentos dessa controvérsia: os argumentos favoráveis de cada corrente, os argumentos de contestação mútuos e as réplicas destas contestações. Apresenta uma grande quantidade de pesquisas nacionais e internacionais que embasaram cada posição no quadro.

O capítulo seguinte, o quarto, des-

ce à análise ao que talvez seja o maior problema da surdez: a linguagem. Aponta as principais dificuldades da linguagem para o desenvolvimento cognitivo e para o desenvolvimento afetivo e indica aspectos ligados à personalidade do surdo e a interação com sua família. Mostra que é a estruturação excessiva do mundo da criança surda, dada pelos pais e professores pela dificuldade de comunicação, o grande responsável pelas menores experiências desta criança, o que acaba por limitar o seu desenvolvimento cognitivo e interferir em sua interação com as pessoas e em seu desenvolvimento afetivo, consequentemente. O capítulo faz uma análise da autobiografia de Hellen Keller, onde é possível ver, na expressão de uma cega e surda famosa, todas as teorias expostas pelos grandes teóricos: Freud, Piaget, Vygotsky, Furth entre outros.

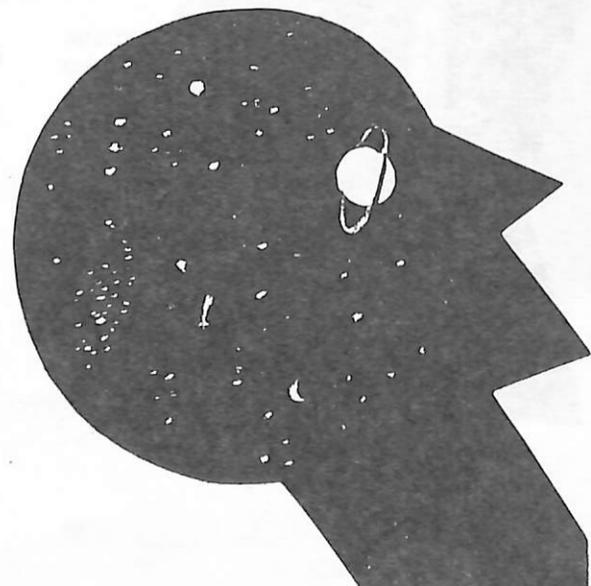
O capítulo quinto aborda aspectos complementares no plano sócio-psicológico, enfocando o momento da descoberta da surdez para a família, a crise inevitável, chegando a propor um modelo ordenador deste momento. Analisa alguns aspectos dos estigmas vividos pelo surdo.

O sexto capítulo completa o trabalho, assinalando as dificuldades mais específicas da Educação do Surdo que precisam ser revistas se quisermos, mais do que compreender o surdo, ajudá-lo a conquistar a sua cidadania. O capítulo propõe diretrizes a serem seguidas na educação do surdo para este objetivo que é, de certa forma, síntese das teorias expostas.



A psicóloga Vânia Prata Ferreira Reis apresenta a tese que defendeu na Universidade Federal do Espírito Santo. Ela é professora da UFES e Mestre em Educação. Para ter acesso à tese é só entrar em contato com Vânia Prata pelo telefone (027) 227.5131 ou com o CRP-04 que vai dispor de cópia para atender aos interessados.

UNIVERSIDADE



Curso - "Psicanálise e Teatro (o véu da ficção)" - março de 1993, a cargo de Sérgio Passos. No programa, estrutura do jogo teatral; relação ator-personagem-espectador; a garantia de uma ficção; que intercâmbios se dão na sublimação do ato; quem garante o véu da ficção. Promoção: Sociedade Brasileira de Psicologia da Comunicação - avenida Contorno, 5.770 - Conjunto 2 - Belo Horizonte - CEP 30110-100 - Tel.: (031) 223-1289. A entidade promove também Grupos de Sarau que acontecem nos dias 10 e 24 de janeiro, a partir das 18:00 horas, além de grupos de encontro uma vez por semana e Work Shops de Bioencontro que estão previstos para os dias 15, 16 e 17 de janeiro de 1993.

Formação - O Instituto de Formação Psicanalítica do GREP já está selecionando profissionais para formação em Psicanálise. São cinco anos de estudo básico do texto freudiano; estudo de autores pós-freudianos: Melanie Klein, D.W. Winnicott, Jacques Lacan; supervisão; seminários mensais, jornada anual e outros eventos científicos promovidos pela instituição, além de publicação de trabalhos através da revista Cenário e boletim de circulação interna Via Psicanalítica. Como pré-requisitos, análise pessoal, grau universitário, curriculum vitae documentado e entrevista de seleção. Mais informações no GREP: (031) 273-1227.

Do dia 18 a 23 de janeiro, Uberlândia vai estar assistindo à inauguração do Núcleo de Estudo de Gênero e Pesquisa sobre a Mulher. Na programação, várias mesas-redondas com a participação de psicólogos, ginecologistas, historiadores, entre outros profissionais. Paralelo ao evento deve ser apresentada uma peça teatral intitulada "Pagu". É no Anfiteatro do Núcleo de Pesquisa em História e Ciência Social da UFU, DE 19:30 às 22:30 horas. Mais informações: (034) 235-2888, ramal 130.

O Instituto de Estudos Complementares do Grupo de Estudos Psicanalíticos (GREP) oferece cursos para o primeiro semestre de 1993:

- "Psicanálise de Grupo": teoria e clínica - Coordenação: Djalma Teixeira de Oliveira - seminários semanais durante um ano. Tel.: (031) 224-0981.
 - "Psicanálise com crianças: questões clínicas e a direção da cura" - Coordenação: Maria de Lourdes Elias Pinheiro - seminários semanais, módulos semestrais. Tel.: (031) 224-1265.
 - "A Técnica Psicanalítica através da Experiência Clínica" - Coordenação: Gisele de Matos Brito - seminários semanais - módulos bimestrais para oito participantes. Tel.: (031) 225-3574.
 - "Psicopatologia Psicanalítica" - Coordenação: Flávio José de Lima Neves - seminários semanais durante um ano. Tel.: (031) 223-8685.
 - "Casal: estrutura, dinâmica, psicanálise" - Coordenação: Carlos Motta Navarro - seminários semanais durante um ano. Tel.: (031) 261-1262.
 - "Psicanálise: teoria, técnica e casos clínicos" - Coordenação: Carlos Motta Navarro - seminários semanais, módulos semestrais. Tel.: (031) 261-1262.
 - "Psicanálise de Família: teoria, técnica e casos clínicos" - Coordenação: Sônia Santoro Drummond - seminários semanais, módulos semestrais. Tel.: (031) 273-7879.
- Mais informações no GREP: rua Goitacazes, 43/705 - Tel.: (031) 273-1227.

Simpósio Internacional de Língua de Sinais e Educação do Surdo - Promovido pela Sociedade Brasileira de Neuropsicologia, acontece no período de 12 a 15 de maio de 1993. Tem como objetivo abordar de maneira científica a Língua de Sinais e Educação do Surdo, tema que tem suscitado discussões e polêmicas nos últimos anos. Entre os temas, "Histórico da Educação do Surdo"; "Aspectos linguísticos da Língua de Sinais relacionadas à educação do indivíduo surdo" e "Pesquisas recentes sobre a utilização do Bilinguismo e da Comunicação Total na educação do indivíduo surdo no Brasil, Estados Unidos, Inglaterra, Uruguai e Venezuela". A data limite para recebimento de trabalhos é 31/01/93. Para saber mais: Rua Wisard, 273 - Casa 1 - CEP 05434-080 - São Paulo-SP - Tel.: 55 (011) 211-9720 - Fax: 55 (011) 814-4858.

O *Journal do Psicólogo* está reservando um espaço para você, psicólogo inscrito no CRP-04, anunciar gratuitamente oferta de consultórios, sublocação etc, exceto para divulgação de seu trabalho. Para incluir o anúncio nesta coluna basta enviar um texto de duas linhas datilografadas de 72 toques ao CRP-04. Este espaço está aberto para todos os profissionais de Minas e Espírito Santo.

• Subloco horário em consultório. Tratar com Selmi: (031) 225-3898 (noite).

• Alugo ou subloco consultório no Santo Agostinho. Sala mobiliada e decorada em prédio novo e ótima localização. Tratar com Saskia: (031) 468-9121.

• Vendo coleção de Freud em bom estado, 24 volumes. Maria Clara: 463-6803.

• Precisa-se de psicólogo para sublocar consultório em Lourdes, mobiliado e decorado. Subloca-se em torno de 50% dos horários (distribuição flexível). Tratar pelo tel.: 344-4546 com Aléxia ou Rogério.

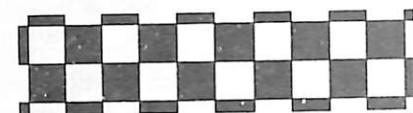
• Subloco consultório de Psicologia pela manhã: quartas e sextas. À noite, às sextas, de 18:30 às 20:30 horas. Rua Marília de Dirceu, 108/117. Tratar com Sônia: (031) 332-2440.

Promoção cultural Mulheres de Hollanda

O universo feminino sempre seduziu os artistas em todos os tempos e em todas as partes do mundo: poetas, cineastas, pintores, escultores, músicos, diretores de teatro. E no Brasil um deles se debruçou sobre este tema e o resultado foi músicas sensíveis e marcantes. É Chico Buarque de Hollanda, que agora tem o seu trabalho resgatado pelo teatro mineiro.

É o espetáculo "Mulheres de Hollanda", dirigido por Pedro Paulo Cava. São 14 atrizes e um ator que cantam e interpretam as diversas mulheres presentes na obra do cantor e compositor. O espetáculo está no Teatro da Cidade, em Belo Horizonte, e durante a campanha das Kombis, a partir de 6 de janeiro, os psicólogos que apresentarem sua carteira profissional na bilheteria ganham 20% de desconto. De quinta a domingo. Uma promoção do CRP-04. E o endereço? Rua da Bahia, 1.341.

Guto Muziz / Divulgação



Psicólogo

O Conselho Regional de Psicologia 4ª Região (MG/ES) está selecionando agentes de orientação e fiscalização para atuar no Triângulo Mineiro e Zona da Mata.

Exigências:

- ser inscrito e estar em dia com o CRP
- residir em Uberaba ou Juiz de Fora
- ter no mínimo 5 anos de formado, com experiência profissional em qualquer área
- disponibilidade para viagens

A avaliação constará de:

- análise de currículo (entregue no ato da inscrição)
- prova escrita
- entrevista individual e coletiva

Cada etapa será eliminatória.

O Conselho oferece:

- carga horária semanal de 5 horas
- salário compatível com a função
- assistência médica

Inscrições:

- Data: de 04 a 15/jan/93
- Local:

Escritório Setorial Uberaba - Rua João Pinheiro, 546/16 - Piso B, Centro - Tel. (034)333-6522.

Escritório Setorial Juiz de Fora - Avenida Barão do Rio Branco, 2679/810 - Ed. Estrela Central - Tel. (032)215-6779.

- Horário: de 13 às 18 horas.

Uma releitura do filme Thelma and Louise

"O maior mistério é ver mistério
Ai de mim Senhora Natureza Humana
Olhar as coisas como são quem dera
E apreciar o simples de que tudo emana
Nem tanto pelo encanto da palavra
Mas pela beleza de se ter a fala"

Renato Teixeira
Compositor

I - O Filme

Um provérbio chinês:
Pouca visão, muita maravilha
De muita coisa se admira aquele
que viu pouco.

a) Thelma

Casada, dependente, medrosa, imatura, impulsiva, é o fio condutor da estória. É ela quem vai colocando uma a uma as questões femininas. Começa o filme e sai para viajar calada. Não há vez a sua fala. É o seu primeiro rompimento. Assim ela diz: - Vou deitar e rolar. Só que é aprendiz e aí o homem deita e rola. E com essa inexperiência surge o estupro, o assalto e até a denúncia.

Segundo Rompimento - Não retorna, chega ao orgasmo.

Vai deixando para trás seu papel passivo e vai se tornando a heroína da estória. Direcionando assim toda a trajetória das duas até a morte. É a própria estória da mulher que vem mudando seu trajeto com muitas perdas e danos, mas sabendo que não dá mais para voltar atrás. Como Thelma diz: Algo aconteceu comigo e não posso voltar. Não poderia viver. Aqui eu poderia pensar que não há saída. É como se o discurso feminino não tivesse vez no social. É agredido, é perseguido, o tempo todo o que passa é que elas de uma forma ou de outra serão mortas.

Saindo um pouco do filme ilustrando aqui com dois acontecimentos recentes em que o sobrinho dos Kennedy e o Myke Tysson foram julgados por isso. Um da elite absolvido e o outro condenado. E no filme Louise diz: Não quero passar pelo Texas após matar um branco com a calça arriada.

b) Louise

Seu oposto. Decidida, vivida, independente, organizada. É a parte da mulher que vai sendo levada, que é só fachada. Que vai se enrolando nos atos de Thelma porque Thelma e Louise é uma só. Louise é um discurso pronto, não é verdadeiro. Por isso coloco que é também um sintoma. Algo de si não é dito, ou quem sabe muito de si não é dito. Ela é um personagem tão bem vivido por tantas no social. A 1ª rachadura acontece quando o trauma é revivido. Aí tudo é desmontado, o jeito

é fugir. O que Louise não sabe é que não tem para onde fugir. Aparentemente para o México. A 2ª quebra é a perda do amor e do dinheiro. Dali para frente é Thelma que toma o controle da viagem que em certo momento diz: "O Caminho Selvagem".

c) O Homem

A posição masculina no filme é toda marcada por agressores, desprezo ao feminino, salvo o policial que diz: Elas tinham uma chance, mas você estragou tudo. Ele faz a leitura do feminino e torce por elas.

II - As Palavras

"Não são as palavras que estão sob o poder dos homens, mas os homens sob o poder das palavras". (Hofmannsthal)

Esse filme me causou um impacto, uma estranheza que me pôs a trabalhar. Aqui vou ligar ao trabalho psicanalítico. Deve ter muitas outras leituras, mas foi por aí que o filme desencadeou esse desassossego que me pôe a falar.

a) Só que eu fiz algo que não posso desfazer - diz Louise ao namorado.

É interessante essa fala. A força desse discurso é imensa e abrangente. É o irreversível. O irrecuperável. Não há retorno. É a Morte!

E esse ato é consequência da revivência do trauma que Louise não deu conta de falar o filme todo. Na entrada do bar ela já presente. Ela diz: Não vejo lugar assim desde o Texas. Por que mata?

Na Conferência I - Freud nos diz:

"As palavras originalmente eram mágicas e até os dias atuais conservam muito do seu antigo poder mágico. Por meio das palavras uma pessoa pode tornar outra jubilosamente feliz ou levá-la ao desespero. Palavras suscitam afetos e são, de modo geral o meio da mútua influência entre os homens".

Citando Fábio Borges em o texto "A Peste" ele nos diz, fazendo uma citação da Bíblia na parte do Livro dos Juizes, Capítulo XII, Versículos V e VI.

Shibboleth: Uma Palavra Mortal

Versículo V:

Galaad ocupou os vãos do Jordão e cada vez que um fugitivo de Efraim queria passar, perguntavam-lhe: És tu Efraimita? Ele respondia: "Não".

Versículo VI:

"Pois bem, diziam eles então dize: "Shibboleth". E ele então dizia: "Sibboleth", não podendo pronunciar corretamente (o sch - som chiante) Prendiam-no logo e o degolavam junto dos vãos do Jordão.

Naquele dia pereceram 42 mil homens de Efraim...

Schibboleth significa torrente espiga. Uma palavra que os habitantes de Efraim pronunciavam defeituosamente sem o som chiante. O termo tornou-se proverbial e é usado em inglês como slogan: palavra-teste.

III - Psicanálise

E Louise diz ao morto:

- Cuidado com o que fala.

Louise faz o percurso inverso de Psicanálise. Louise (tão metafórico, Louise é luz) não quer falar do que aconteceu no Texas. Não quer nem passar por lá. E de repente o real incide sob Louise e ela mata. E ela diz ao morto: - Cuidado com o que fala.

Em Psicanálise o que se faz? Se põe a falar. É como Lydia Flein descreve em A Vida Cotidiana de Freud e seus Pacientes: "É porque gosta de conviver com as palavras e crê intuitivamente em seu poder terapêutico que Freud se põe a escuta única e nua de suas fábulas e contos pessoais".

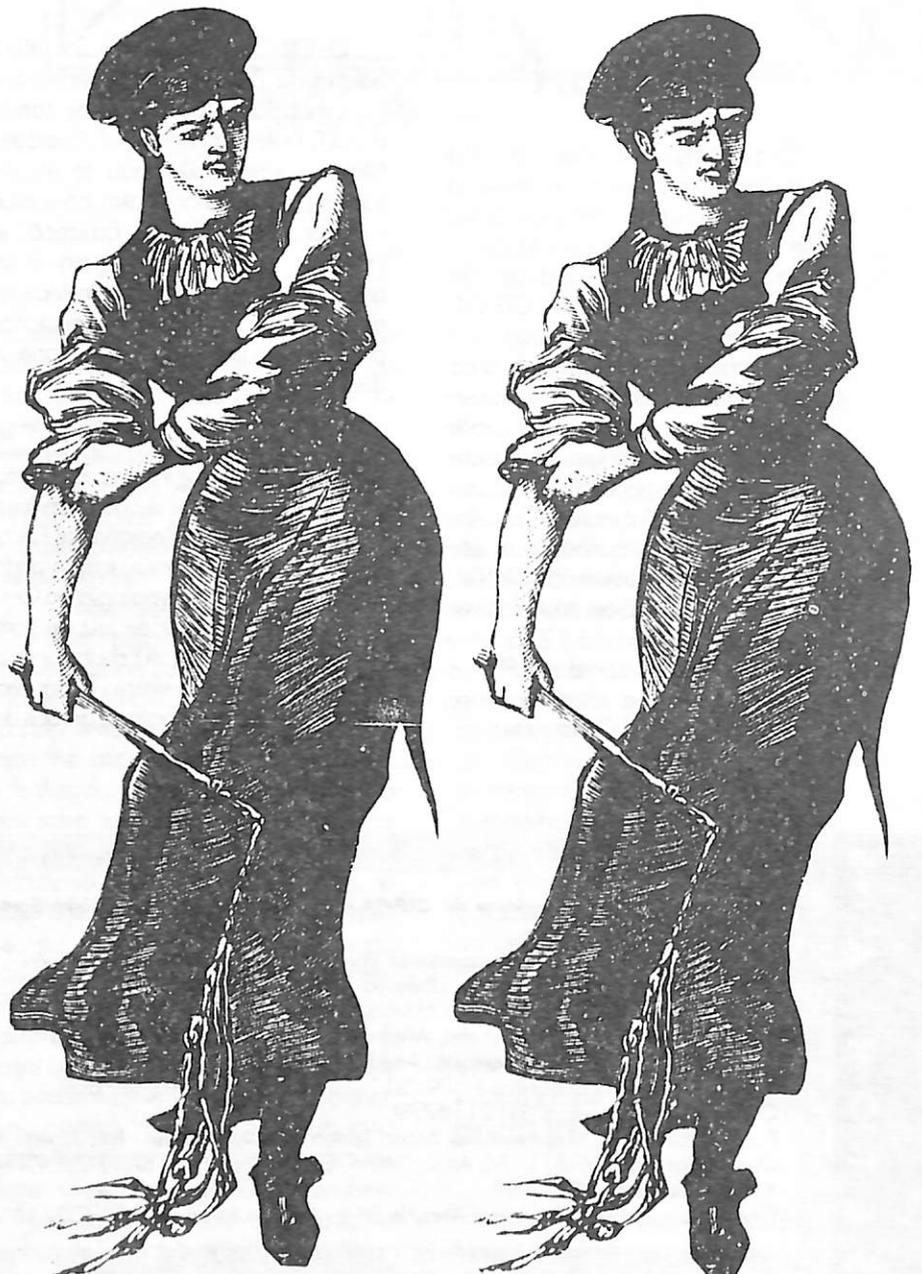
O que o filme me revela é que Louise mata porque é "outra cena". Talvez nem seja a intenção do autor de

Trabalho apresentado pela psicóloga Sandra Athayde Silva no dia 25.08.92 na Semana de Psicologia em Governador Valadares

falar da Psicanálise. Mas ele fala através de Louise. Na medida em que ele vai entreteendo o espectador sem contar o que houve lá no Texas. É o que ele deixa em suspense e suspenso o tempo todo.

E assim ele vai trazendo a Psicanálise com a realidade psíquica de Louise (essa "outra cena"). E ela mata. É um choque, é uma surpresa. Mulher comum, pode ser uma de nós. Sua transgressão nos causa um embaraço porque já estamos nos vendo em Thelma e Louise. Somos nós frente à agressão do outro.

E é nesse ponto antes de matar que eu trago o tratamento psicanalítico. É com essa "outra cena" que entramos em análise.



Divinópolis

O prefeito eleito pelo PSDB, Aristides Salgado ainda não tomou posse mas já está tomando pé das reivindicações dos psicólogos do município. No final de novembro, a Associação dos Psicólogos de Divinópolis fez um contato com o prefeito eleito, no qual foi demandada a participação efetiva do profissional de Psicologia junto à sociedade, além de sugerido um nome para a Secretaria Municipal de Saúde: Arlete Marchioni Macedo Diniz, articuladora do CRP-04 na cidade. Segundo ela, Aristides Salgado demonstrou preocupação com a qualidade de vida da população e abertura às propostas de criação de novos espaços de atuação do psicólogo, inclusive no setor administrativo.

Os psicólogos de Divinópolis também já estão se articulando para apresentar suas propostas para o Congresso Nacional Constituinte dos Psicólogos. Com este objetivo já promoveram três encontros, sendo um deles com a participação do presidente do CRP-04, Sebastião Rogério Góis Moreira, e se preparam para formalizar suas sugestões. Nestas, acenam com interferência no processo de formação profissional e indicam a defesa do direito de cidadania como um papel do psicólogo.

Araguari

Os psicólogos da cidade já estão se reunindo para discutir e efetivar a elaboração de um projeto sobre os trabalhos em saúde mental em Araguari. Quem está fazendo parte destas discussões é a articuladora do CRP-04, Lúcia Santos Coelho que atua em Araguari justamente como elo entre a categoria e a autarquia. Por isso, ela vem promovendo encontros com os profissionais da cidade para prestar esclarecimentos sobre o papel do articulador ou informações relativas ao Conselho de Psicologia. E foi também com esta proposta que o presidente do CRP-04, Sebastião Rogério Góis Moreira, visitou a cidade no último dia 12. Lá, entre outros assuntos, ele abordou o Processo Constituinte, que vai deflagrar no Congresso Nacional Constituinte.

Uberlândia

A carga horária e o piso salarial do psicólogo nas instituições públicas e privadas têm sido motivo de interesse por parte dos psicólogos de Uberlândia. Pelo menos estes foram os dois temas mais discutidos, em novembro, por uma comissão formada por psicólogos da universidade e da Prefeitura Municipal, em encontro com a conselheira do CRP-04, Márcia de Oliveira Prata e a articuladora da autarquia, Ângela Melo. O objetivo destes profissionais na discussão destas questões é encaminhar propostas para o Congresso Nacional Constituinte.

Profissionais de Psicologia de Uberlândia se reuniram com professores da rede municipal e privada para a 3ª Jornada de Educação Sexual realizada no final de novembro. O evento, promovido pela Escola da Educação Básica (Eseba); Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana (SBRASH); 26ª Delegacia de Ensino; Secretaria Municipal de Saúde; Departamento de Medicina Ginecológica e Obstetrícia da Sociedade Médica e pela Escola Estadual Professor José Inácio de Souza, tem comprovado a demanda e a receptividade dos profissionais da área de Educação por temas desta natureza.

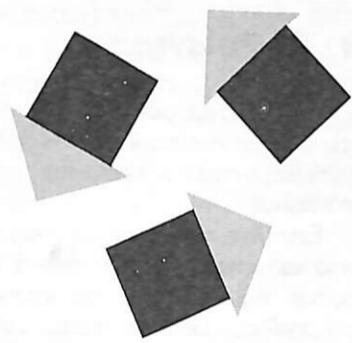
Juiz de Fora

O CRP-04, através do Escritório Setorial da Zona da Mata, promoveu um concorrido debate entre os candidatos à Prefeitura Municipal. Custódio Mattos e Tarcísio Delgado se encontraram para debater e falar ao eleitor juizforano sobre "Saúde, Educação e Trabalho Comunitário". Agora é só aguardar a posse de Custódio Mattos, acompanhar as ações e pressionar para que a prática não contrarie o discurso.

Ética e paradigma na formação para uma praxis profissional. Este foi o tema do 3º Encontro Regional de Psicologia da Região Sudeste, organizado pelos estudantes de Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES) no período de 30 de outubro a 2 de novembro. No evento foram realizadas palestras, debates e grupos de

discussão, com a participação de dois dos autores do livro "Psicologia - Possíveis Olhares Outros Fazeres" editado pelo CRP-04: Eduardo Dias Gontijo e Jeferson Machado Pinto. Também participou a conselheira Raymonde Jouanneu Saraiva, que informou aos participantes sobre o Processo Constituinte dos Psicólogos, já em curso.

Juiz de fora não perde tempo e faz sua atualização teórica. No dia 4 de dezembro três psicólogos, Décio Gilberto Natuelli, Nivaldo Carlos Soares e Sebastião Vidigal lançaram o livro "Século XX e XXI - O que permanece o que se transforma". Na obra, eles falam sobre a técnica da psicoterapia analítica de grupo.



Governador Valadares

Psicólogos, representantes de associações de bairro, estudantes de Psicologia, psiquiatras e outros profissionais se reuniram no período de 18 a 21 de novembro para debaterem sobre os problemas de saúde e elaborarem o plano de Saúde do Município. Trata-se da II Conferência Municipal de Saúde, da qual participaram três delegadas da Associação dos Psicólogos de Governador Valadares, eleitas em assembleia: Sandra Athayde, Solange Coelho e Nádia Pinheiro. Junto com a conselheira do CRP-04, Susana Cançado Teatini, participaram do painel sobre saúde mental, que inusitadamente, apresentou dois relatórios. A entrega de um deles, eleito durante o painel, foi postergada pela organização do Congresso, o que abriu espaço para apre-

sentação do segundo relatório, não debatido e aprovado como o primeiro. Até o dia 1º de dezembro ainda havia muitas indefinições e dúvidas a respeito do painel sobre saúde mental.

Itabirito

Capacitar os professores a lidar com questões sobre a sexualidade e prepará-los para responder às perguntas dos alunos: é este o trabalho que tem sido desenvolvido em Itabirito pela psicóloga Jandira Carla Braga Torres e pela médica Maria Dalva Gonçalves. A atuação da profissional de Psicologia na Prefeitura Municipal possibilitou a criação da disciplina sobre educação sexual na Escola Municipal Natália Donada Melillo, onde foram realizadas palestras, no final de novembro, para 43 professores da rede municipal de ensino. Segundo a diretoria da Escola, o trabalho já tem rendido ótimos resultados. Tanto, que as duas profissionais estão recebendo convites de associações e instituições de ensino para abordarem o tema.

Montes Claros

A qualificação profissional tem sido motivo de preocupação e interesse para os psicólogos da cidade. Tanto é, que durante todo o ano de 1992, um grupo de pelo menos 12 profissionais da área clínica vem se reunindo no primeiro sábado de cada mês, tendo à frente a psicóloga Aparecida Rosângela Silveira. Nestes encontros, sob a supervisão da psicanalista de Belo Horizonte Márcia Rosa, abordam, trabalham e discutem temas dentro do referencial psicanalítico.

E o pessoal do Organizacional também se organiza. Desde o segundo semestre de 1992 cerca de 15 psicólogos se reúnem, o que culminou num curso de formação de dinâmica de grupo (enfoque operativo) sob a coordenação dos profissionais Gilberto Braga e Virgínia Nogueira, de Belo Horizonte, viabilizado pelo psicólogo de Montes Claros, Carlos Roberto de Moraes.

Representantes e articuladores do CRP-04 em Minas Gerais e no Espírito Santo.

• Escritórios Setoriais:

Triângulo Mineiro (ESTM) - Representante: Vanice de Figueiredo Costa - Rua João Pinheiro, 546/16 - Piso B, Centro. Uberaba - CEP 38010 - Tel.: (034) 333-6522.
Sul de Minas (ESM) - Representante: Márcio Moterani Swerts - Avenida São José, 988/08, Centro, Alfenas - CEP 37130 - Tel.: (035) 921-1439.
Zona da Mata (EZM) - Representante: Américo Galvão Neto. Avenida Barão do Rio Branco, 2.679/810 - Ed. Stela Central, Juiz de Fora. CEP 36010-012 - Tel.: (031) 215-6779.

Espírito Santo (EES) - Representante: Maria Tereza da Silva Cardoso - Rua Alberto de Oliveira Santos, 42/1511 - Ed. Ames, Vitória, Espírito Santo. Tel.: (027) 222-7394.

• Articuladores:

Governador Valadares - Sandra Athayde Silva - Avenida Minas Gerais, 700/112,

Centro. CEP 35010-151. Tel.: (033) 271-6471.

São João Del-Rei: Maria Tereza Antunes Albergaria - Praça Guilherme Milwat, 52. CEP 36300-000. Tel.: (032) 371-4167

Montes Claros: Ana Cristina Couto Amorim - Avenida Santos Guimarães, 123, Sagrada Família. CEP 39401-014. Tel.: (038) 221-1586 e 221-2115.

Divinópolis: Arlete Marchioni Macedo Diniz - Rua Minas Gerais, 655/214. CEP 35500-007. Tel.: (037) 221-9398 e 221-1979.

Uberlândia: Ângela Melo - Rua Seriemas, 366, Cidade Jardim. CEP 38403-077. Tel.: (034) 235-5258 e 234-8372.

Ituiutaba: Sônia Divina Costa Rosado - Rua João Martin de Andrade, 363-A, Platina. CEP 38300-000. Tel.: (034) 261-3281.

Patos de Minas: Márcia Campos de Andrade - Rua José Alves Coelho, 125, Aurélio Costa. CEP 38700-000. Tel.: (034) 821-2040.

Jefferson Machado Pinto é psicanalista, doutor em Psicologia e professor adjunto do Departamento de Psicologia da Fafich - UFMG. Participou do livro editado pelo CRP-04, Psicologia - Possíveis Olhares Outros Fazeres como autor do capítulo "Psicologia/Psicanálise: sobre a Teoria da Clínica e sobre a Clínica da Teoria".

Psicologia/Psicanálise Sucessos e Fracassos

Jefferson M. Pinto

O mito do pai primevo, elaborado por Freud em Totem e Tabu, coloca em jogo a possibilidade ambígua de se pensar um pai não castrável. Este pai, situado além das questões do falo que representaria a falta, se referiria a uma marca da passagem de um momento de pura dispersão de gozo para uma ordenação sexual, circunscrita pelo simbólico e reveladora do princípio do prazer.

Contudo, este pai só pode ser pensado como mito. E, como todo mito, só pode ser concebido como tentativa de dar "uma forma épica" a um efeito de estrutura. Além disso, se trata, ainda, de uma estrutura incapaz de apreender o ser. Ou, se formos mais precisos, é capaz apenas de engendrar o ser como produto inapreensível de toda subjetividade. Caso contrário, se se tratasse de uma estrutura potente, no sentido de ser dotada de capacidade de concretizar uma completude, não haveria porque tentar dar forma ao inexplicável.

Assim, é a partir do que a estrutura simbólica põe em jogo, isto é, a interdição daquele gozo disperso, que podemos pensá-lo como existente. Podemos, então, dizer com Millot (2, p. 75) que a "função do pai consiste simultaneamente em dar consistência ao mito de um gozo absoluto que ele encarna e em situar este gozo como proibido, inacessível - a função fálica se fundando sobre a exclusão lógica deste gozo". É o ato que instaura a perda deste gozo pela morte do pai que produz a ligação entre os filhos. Cricou-se, assim, de acordo com a perspectiva mítica, a Lei que regulará, para o coletivo, o direito ao gozo e que permitirá as possibilidades discursivas que sustentam as posturas éticas e o fazer da ordem humana.

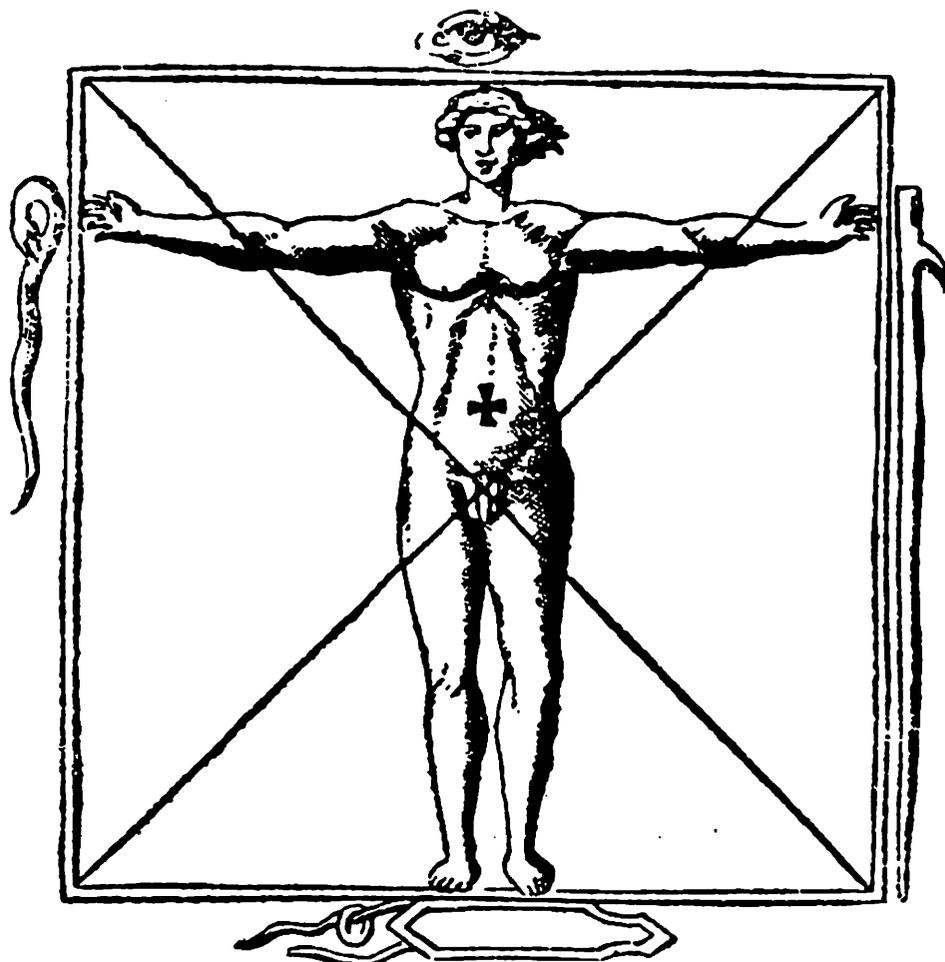
Mas, o Outro da linguagem, ao barrar o gozo, deixa um resto não assimilável como um produto excedente a esta operação. Herdamos então o falo como representante sexualizado daquele gozo, embora haja o efeito perturbador deste resto pensado como existente. Como se trata de falta abso-

luta de referência simbólica, irá ser vivido pelo falante como o que escapou às regras da criação do mundo, se transformando em algo "i-mundo" do qual se quer, a todo custo, se desvencilhar. É um ponto de puro gozo, vivido até como sofrimento já que não foi sexualizado mas, sem o qual, "seria vão o universo". Os sujeitos, ao excluírem este real, se amparam no pacto das identificações e adotam as regras de pertinência que lhes irão garantir seu lugar de referência no grupo, seja a família, o Estado etc. Fazendo assim, se filiam tentando obter uma paternidade garantida.

A Psicanálise é a única forma discursiva capaz de dialogar com a linguagem exatamente por tentar realizar na fala, uma torção, de modo a incluir aquele ponto de puro gozo. Enquanto que os outros discursos expulsam-no para continuar produzindo o que interessa ao grupo.

Ao optar eticamente em colocar como agente do seu discurso aquele produto de gozo indicado pela ordenação simbólica, a Psicanálise mostra a verdadeira face da castração: a presença de um incurável na medida em que não tendo plasticidade simbólica, não pode ser assimilado ou traduzido de outras formas. Trata-se de um resto insubjetivável, um núcleo do ser paradoxalmente só pensável a partir da ordem fálica. A Psicanálise se apóia, assim, no ponto de total ausência de referência simbólica, no imponderável que extrapola à possibilidade da palavra. Porém, a ética que ela defende não é a de calar-se. Não é, certamente, a mentira da neurose, da psicose ou da perversão onde se trata de dizer bem pela exclusão do real. Ao contrário, sua ética é a do bem-dizer, devido ao deslocamento do saber para a posição da verdade.

O modo de operação deste discurso é totalmente diferente. Sua práxis revela que o oferecimento do saber em resposta às demandas do analisante conduzem-no a uma mera identificação com o líder do grupo em detrimento da causa do seu desejo. Neste caso, a



mestria da verdade do sujeito não se determinaria pelo objeto faltoso ao simbólico e sim pela capacidade gestiva de um bom terapeuta. Quanto melhor o terapeuta mais capaz ele será de fazer o bem, isto é, de fazer funcionar as regras do mundo fálico no estabelecimento da reciprocidade entre os sujeitos.

A Psicanálise não quer, então, "nenhum bem para o sujeito". Ela quer que ele se defronte com o seu gozo a fim de que ele verifique como está comandado por uma forma de introjeção da lei que lhe ordena um gozo impossível, idealizado e, que, por isso mesmo, o faz sofrer tanto. A Psicanálise quer que o sujeito verifique aquilo que é simbolicamente inverificável. Para isso, o sujeito terá que se despir de todo aquele véu das identificações, oferecido pelas regras de pertinência dadas pelo Pai. Ele terá de ter a ousadia de chegar ao ponto de total ausência de amor. É aqui o ponto culminante onde o analista poderá resistir a operar com o discurso analítico e se ver demandado a oferecer um amor de líder de grupo e fazer imperar novamente o poderio fálico. Caso o analista não resista, o sujeito se verá subvertido em sua concepção de si mesmo porque, nesse

instante, ao querer verificar sua essência, ele encontrará o inverificável do ser, aquilo que extrapola a língua pátria. Desta maneira, paradoxalmente, ao buscar sua essência de sujeito, ele encontrará apenas uma consistência lógica de objeto, de puro gozo, podendo, finalmente, encarar a impossibilidade da solução e a exigência de criar formas de operação com o real.

Assim, se partimos do pacto do bem comum, o sujeito estará optando pelas regras obsessivas da conveniência. Qualquer moral ligada a regras exteriores à singularidade, estará sujeita ao fracasso por exercer a pressão do amor grupal para que a verdade seja escamoteada. Por isto, a Psicanálise exige uma reviravolta na ética do bem comum, pois ela quer mais ainda. E é também por isso que o maior sucesso da Psicanálise é exatamente o de fracassar onde vencem a religião e a ciência. Estas formas de oferecimento do bem, ao vencerem, expurgam a ética da verdade do sujeito.

Referências

Millot, Catherine. *Nobodaddy, a histeria no século*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

Tem que pedalar, senão a bicicleta cai. ■ A crise está feia, mas quem ainda tem algum **dinheiro** na caixinha e um psicólogo para presentear, pode escolher entre os livros recém-publicados. ■ Além de "Psicologia - Possíveis Olhares Outros Fazeres" editado pelo Conselho, você tem como opção a obra assinada por Eduardo Mourão Vasconcelos. É "Do Hospício à Comunidade", obra cuidada pela Editora Segrac, onde ele avalia as estratégias de mudança na assistência e legislação psíquica na **Itália**, Inglaterra, Estados Unidos e outros países. ■ Este, aliás, é o mesmo tema abordado por Pedro Delgado em seu livro "As Razões da Tutela - Psiquiatria, Justiça e Cidadania do Louco no Brasil". Trata-se de um estudo deste psiquiatra mineiro com prática em serviços públicos e privados sobre as relações entre a Psiquiatria e a **Justiça**, onde é abordada a situação do louco infrator e a destituição de seus direitos de cidadania. ■ Outra obra lançada há pouco tempo em Belo Horizonte é "Mulheres/Homens", de autoria da psicanalista francesa Marie Claire **Boons**, que esteve na cidade a convite do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais. ■ E para quem anda ávido por notícias das **faculdades**, a PUC-MG, o Instituto Evaldo Lodi e o Sesiminas assinaram convênio em outubro para implantação de residência em Psicologia da Criança em suas unidades educacionais. Para saber mais (031) 212-5100. ■ E quem está mais interessado no desenvolvimento da comunicação e do encontro, pode entrar em contato com a Sociedade Brasileira de Psicologia da **Comunicação**, inaugurado em 25 de novembro em Belo Horizonte, e que propõe uma série de atividades para 1993 (veja programação na página 6). ■ O CRP-04 está distribuindo a todas as 13 instituições de ensino de Psicologia de Minas e Espírito Santo um boletim quinzenal com um resumo dos eventos. ■ É o **Gazeta**, que se propõe a oferecer serviço e estreitar os laços entre as escolas e a autarquia. E por falar nisso, onde anda **você**? Faça contato!

Sou estudante do 7º período de Psicologia da Univale - Universidade Vale do Rio Doce - onde tive acesso tanto ao Boletim Quinzenal do CRP-04 (Gazeta), quanto ao livro "Psicologia - Possíveis Olhares Outros Fazeres", pelo qual me interessei e gostaria de adquirir um exemplar através do reembolso postal, efetuando o pagamento ao recebê-lo, caso isto seja viável.

Na oportunidade, aproveito para solicitar informações sobre o "Jornal do Psicólogo", bem como o preço da assinatura anual, a possibilidade de ser adquirido/assinado por estudantes, além de informações sobre eventos tanto a nível regional quanto nacional na área de Psicologia, sempre que possível, para maior divulgação entre os estudantes.

Robson José da Silva Campos

Em resposta à forma de aquisição do livro "Psicologia - Possíveis Olhares Outros Fazeres", informamos sua impossibilidade por reembolso postal. O livro está sendo vendido por Cr\$ 70 mil em dezembro na sede do CRP-04 ou em qualquer um dos Escritórios Setoriais de Minas ou do Espírito Santo. Para ampliar a distribuição, está sendo comercializado também pelos nove articuladores do CRP-04 no interior (confira endereço e telefone para contato na página 8). Está sendo vendido também pela Livraria do Psicólogo, mas sem o desconto oferecido pelo CRP-04. Quanto ao Jornal do Psicólogo, já está sendo distribuído a todos os Departamentos de Psicologia e Diretórios Acadêmicos das Escolas de Minas e Espírito Santo. E se quiser saber mais sobre eventos na área de Psicologia, confira o boletim Gazeta, que é encaminhado quinzenalmente às instituições de ensino dos dois estados. Qualquer informação, comunique-se com o CRP-04, seja através de sua sede, em Belo Horizonte, ou de seus Escritórios Setoriais e articuladores.

O 7º Plenário, em ocasião à sua posse, em 25 de setembro, recebeu mensagens de cumprimentos e votos de bem-sucedida gestão. O CRP-04 agradece as mensagens enviadas por: Walfrido S. dos Mares Guia Neto, secretário de Estado da Educação; Conselho Regional de Economia; Conselho Regional de Medicina de Minas Gerais; Antônio Marcos Chaves, presidente do Conselho Federal de Psicologia; Associação Mineira de Psiquiatria; deputado estadual José Ferraz da Silva, líder do Governo e do PRS na Assembléia Legislativa de Minas Gerais; Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional; Governo do Estado do Espírito Santo; Conselho Regional de Odontologia; Conselho Regional dos Corretores de Imóveis; Conselho Regional de Psicologia 7ª Região; Conselho Regional de Contabilidade de Minas Gerais; Conselho Regional de Enfermagem de Minas Gerais; Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; Conselho Regional de Profissionais de Relações Públicas; deputado estadual José Militão, líder do PSD na Assembléia Legislativa, Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais; Associação Médica de Minas Gerais, Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia e outros.

Cartas para a redação

Conselho Regional de Psicologia 4ª Região (MG/ES) - CRP-04 - Assessoria de Comunicação Social - Rua Tomé de Souza, 860/10º andar, Savassi - Belo Horizonte-MG - CEP 30140-131.

Este é o endereço também para envio de informações, inclusive para a página Interurbano, artigos e apresentação de teses para divulgação do Jornal do Psicólogo. Os textos devem ser acompanhados com telefone para contato e endereço. Os assinados devem ter, em média, 80 linhas datilografadas, breve currículo profissional e no caso das teses, indicação de locais onde podem ser pesquisados pelos interessados.

Jornal do Psicólogo

Publicação do Conselho Regional de Psicologia 4ª Região (MG/ES) - CRP-04
Rua Tomé de Souza, 860/10º andar - Savassi - CEP 30140-131 - Belo Horizonte-MG.
Tel.: (031) 261-1146 - Telex: (031) 392882 - Fax: (031) 261-6143

Diretoria: Sebastião Rogério Góis Moreira, presidente; Mariana de Campos Mendonça, vice-presidente; Simone Maria Machado da Silveira, tesoureira; Zulma Canuto, secretária.

7º Plenário: Conselheiros Efetivos: Maria Carmen Lopes Albrickere Barbosa; Mariana de Campos Mendonça; Raymonde Jouanneau Saraiva; Santusa de Senna Franco; Sebastião Rogério Góis Moreira; Simone Maria Machado da Silveira; Sônia Maria de Brito Marques Porto; Susana Cançado teatini; Zulma Canuto. Conselheiros Suplentes: Carus Trindade Guimarães; Cristina Ribeiro de Figueiredo Teixeira; Edith Lins Eto;

Elvira Lúcia Pessoa de Oliveira; Manoel Mata Machado; Márcia de Oliveira Prata; Regina de Mont'Alverne Neto; Ronaldo Pazini Marangoni Júnior; Vicente Almeida. Conselheiros Federais: Ricardo Figueiredo Merotsohn (efetivo); Vera Lúcia Dias (1ª suplente); Gerson Alves Dias (2ª suplente)

Editado pela Assessoria de Comunicação Social do CRP-04 - Jornalista Responsável: Andréa Rocha Faria (Mtb/MG 4203)
Programação visual: Marcelo Xavier
Ilustrações: Marcelo Xavier
Fotografias: Sérgio Amzalak e Carlos Francisco
Editoração gráfica: Cláudia Barcelos
Impressão: Editora Lítero Maciel
Tiragem: 10 mil exemplares

As matérias assinadas são de exclusiva responsabilidade de seus autores. O Jornal do Psicólogo as publica por acreditar na diversidade das idéias.

CIDADANIA

do presente para o futuro

Cidadania. Este conceito já está nas ruas e nas diferentes e até contraditórias vozes da população brasileira. Até aí, nada de novo, a não ser o lugar do discurso. O que não deixa de ser um avanço, um começo. Esse termo, praticamente banido do vocabulário do país dada a ausência de sentido e aplicação, parece ressuscitar das trevas. Mas para apontar um novo caminho para a sociedade brasileira, é preciso mais que belas palavras-de-ordem usadas para enriquecer reivindicações sazonais e momentâneas. É necessário o entendimento de que Cidadania é um direito de fato e é este o fato que hoje se busca.

Também os psicólogos buscam inserir em sua prática esse antigo - mas para nós, novo - conceito de Cidadania. E o momento não poderia ser mais oportuno. Além da recém reviravolta no cenário político nacional, que fez acender em muitos o desejo de atuar politicamente, de participar de decisões relevantes para o país e que fez despertar a indignação diante dos desmandos e abusos, os psicólogos se encontram agora num momento crucial para o exercício de sua profissão e cidadania. Em curso o Processo Constituinte dos Psicólogos que, através da participação da categoria e dos Conselhos, pode desenhar e contruir uma nova face para a Psicologia como também se pretende para o país. Previsto para 1993 o Congresso Nacional dos Psicólogos, fórum em que se constituirá uma nova Psicologia, uma nova inserção profissional.

Miséria da Modernidade

A Psicologia, como disse o psicólogo Willian César Castilho durante a mesa-redonda "Psicologia e Exercício da Cidadania", promovida no final de novembro pelo CRP-04, "nasceu no auge da modernidade". Modernidade esta entendida como forma de difundir e solidificar práticas e vivências individuais, em detrimento do coletivo. Foi esta a modernidade assinalada pela sociedade, inclusive a brasileira, que agora quer rever os esteios que a sustentam.

E é inserida nesta sociedade, sentida por mudanças, que também a Psicologia se depara com novas indagações. "O que a sociedade moderna ou pós-moderna demanda dos psicólogos?" Esta questão, formulada por Castilho durante o debate com profissionais que lotaram o auditório da Casa do Economista, foi apenas uma, entre várias outras, também fundamentais para se discutir e optar por qual Psicologia se pretende fazer neste País:

"A Psicologia, como está instituída, está apta para responder às demandas

da sociedade?" Qual o lugar que as práticas psicoterápicas ocupam nos serviços públicos?" "São um bem da Cidadania?"

Se para alguns não há, nessas perguntas, o privilégio de fazer refletir, para outros, no entanto, sobressai o impulso de reagir por seu tom provocativo: afinal, o psicólogo quer aliar o seu fazer à noção de Cidadania ou prefere desconhecer, desqualificar o seu significado e optar simplesmente por reivindicar este direito como se fosse a garantia de privilégios individuais como o fazem os mais desavisados ou ignorantes?

Esta distorção no entendimento da Cidadania foi apontada pelo educador Alfredo Elmer Johnson Rodriguez que, ao lado de Castilho, do psiquiatra Pedro Gabriel Delgado e do público, discutiu, sob a coordenação do presidente do Conselho Federal de Psicologia, Antônio Marcos Chaves, "Psicologia e Exercício da Cidadania". Ao tecer suas críticas, Johnson recapitulou os preceitos democráticos, entre os quais, o exercício da Cidadania. Mas com uma ressalva: "democracia, diferente do ideal liberal, pressupõe a participação de grupos, não de indivíduos". E foi mais além. Para ele, democracia pressupõe ainda capacidade libertária, de consciência dos indivíduos. Consciência esta extirpada pelo que chamou de "miséria da modernidade" ou, resgatando Caetano Veloso, "Fora da Ordem Mundial".

Não por acaso, ao se falar sobre a Cidadania, os participantes da mesa-redonda abordaram, direta ou indiretamente, a modernidade e a exclusão. Termos estes intimamente ligados se considerada como procedente a premissa do economista Cristovam Buarque, de que nesta modernidade não há lugar para todos e sempre haverá espaço para os excluídos (página 3). E o que se começou a discutir neste fórum chamado "Psicologia e Exercício da Cidadania" foi o lugar que os psicólogos querem escolher para a Psicologia: alheia às transformações sociais em constante cumplicidade com esta "modernidade" ou participante deste processo de mudança na sociedade?

São muitas, variadas e complexas as questões que se colocam hoje diante daqueles que buscam refletir sobre o seu fazer como profissional de Psicologia. Talvez no momento sejam até mais importantes que respostas apressadas e pouco eficazes. Há no entanto, acenos, possibilidades, que só se legitimam com o exercício do direito de participação, de expressão por parte da categoria. Uma dessas possibilidades foi subjetivamente apontada pelos participantes e sintetizada pelo coordenador dos debates, Antônio Marcos Chaves: a descorporativiza-

ção. Ou seja, "sair do âmbito da profissão e ocupar espaço na sociedade". É, em suas palavras, "dar significação para a prática a partir da demanda social".

Provavelmente sua opinião não será unânime, devendo enfrentar oposição de outros psicólogos. Nada mal, melhor que a patia. Democracia, incorporando a noção de cidadão, pressupõe uma co-relação de forças, interesses, idéias. E é com este entendimento que se pretende avançar ainda mais também nas discussões sobre as instituições que, à priori, deveriam representar não só os profissionais, mas toda a sociedade.

Ao apresentar um histórico de uma dessas entidades, o Conselho (Federal e Regional), Antônio Marcos explicitou sua maior fragilidade. Foi criado com o claro objetivo de orientar e fiscalizar os profissionais, evidenciando que a sociedade não era formada por cidadãos, no sentido exato da palavra. "Se houvesse democracia os indivíduos teriam acesso às informações e, a partir daí, teriam condições, eles mesmos, de fiscalizar os profissionais". Assim foi instituído.

Mas hoje é outro momento, outra história. Percebe-se com maior nitidez uma evolução, uma vontade de transformação na sociedade e indícios de mudanças na Psicologia e em suas instituições. Surgem novos espaços. Tenta-se fazer passado os perversos ditames da moderna ditadura e, da cidadania, uma prática do presente para o futuro.

Fora da regra "crime e castigo"

A discussão sobre o tema "Psicologia e Exercício da Cidadania" permite variadas abordagens. Uma delas é sob a perspectiva do fazer profissional. Outra é do âmbito da saúde mental. Na mesa-redonda promovida pelo CRP-04, o psiquiatra Pedro Gabriel Delgado, defensor de mudanças estruturais no modelo manicomial ainda vigente no país, observou que "a cidadania traz para a área do mundo psi uma especificidade".

Diferente das outras Ciências Sociais, que trata da cidadania considerando os sujeitos como "normais", a Psicologia e também a Psiquiatria se deparam com um outro tipo de indivíduo, destituído de seus direitos de cidadão pela Justiça, com o respaldo da Ciência. Um dos aspectos apontados por Delgado se dá no plano penal. O doente mental, entendido como um ser destituído de razão, não é considerado um réu ao cometer um delito. Aplica-se o conceito da não imputabilidade com o objetivo de oferecer ao "louco" proteção. O que, segundo ele,



faz do doente mental um cidadão especial, "fora da regra crime e castigo".

Sem se limitar às intenções dos juristas ao formular e instituir tal diferenciação, Pedro Delgado avalia que "o expediente jurídico protege, mas sofre um destino tão ou mais funesto que as pessoas processadas". Funesto no sentido de que a interdição é compulsória não havendo qualquer recurso jurídico capaz de defendê-lo. Funesto porque são alijados de uma cidadania em nome de uma legislação que os protege. Para Delgado, protege teoricamente: "A impronúncia e condena à pedra sepultral do silêncio. Faz com que seja um desaparecido político".

É a partir do desaparecimento deste ser político que é o cidadão, que Pedro Delgado sugere um novo pensar para o estatuto do doente mental, fora da razão. "Tem que se pensar na mudança da idéia da tutela, pensar no cidadão do futuro, para que possa viver na polis e não na casa sob o instituto da interdição".

Psicanálise, no coração da modernidade

Carlos Roberto Drawin

Em meados do Século XIX, Karl Marx, pensador atualmente em "desgraça" diante de nossa sofisticada "intelligentsia" e nosa volúvel mídia, escreveu um texto justamente reconhecido por sua penetrante compreensão da realidade política da época. Marx - que neste escrito confirmou, mais uma vez, ser menos dogmático do que os marxistas - inicia o seu "O Dezoito Brumário de Luis Bonaparte" com uma de suas célebres frases de efeito: "Hegel disse, em algum lugar, que todos os grandes acontecimentos e personagens da história universal ocorrem, por assim dizer, duas vezes. Porém, esqueceu-se de acrescentar: uma vez como tragédia e outra vez como farsa".

Parece não ser impertinente recordar aqui a "boutade" marxiana, que possui, aliás, um efetivo alcance teórico, para caracterizarmos o fim paradoxal desse nosso século, que se iniciou, e agora se encerra, sob o signo do marxismo: primeiro, como esperança militante e uma imperiosa exigência de auto-realização dos sonhos da modernidade, depois como um fracasso terrível e um vazio incômodo testemunhando a morte de nossas utopias. Talvez, num primeiro momento, pensemos que a história, escarnecendo da teoria, inverteu até mesmo a frase formulada por Marx, revelando no fim trágico do socialismo real a farsa do seu começo ideal. Assim, teria havido primeiro a farsa, que terminou em tragédia.

No entanto, essa primeira impressão bem pode estar equivocada, porque se a esperança num mundo reconciliado revelou-se tão poderosa, a ponto de convencer tantas mentes lúcidas e justas a aceitar inomináveis atrocidades como imperativos da necessidade histórica, foi porque era a contrapartida de uma consciência trágica. O nosso século nasceu com as "ilusões perdidas" do século XIX, foi forjado nas trincheiras da "primeira guerra", que sepultou junto com o antigo regime aristocrático as frágeis certezas da "belle époque". A difusão do Nietzsche romântico e a redescoberta do existencialismo de Kierkegaard, ambos inimigos da razão, sinalizaram o triunfo da crua realidade do sistema capitalista e da sociedade burguesa. Diante de um mundo definitivamente desencantado, de uma cultura nihilista e uma sociedade insensível aos apelos de sua própria tradição cultural, parecia restar apenas o caminho de uma revolução total, de uma violência catártica, capaz de fazer surgir um "homem novo" dos escombros da civilização européia. Assim, a utopia, tensão máxima a que chegara a razão crítica moderna, não era mais do que a negação radical, a transfiguração "fora do tempo", da realidade moderna, da tragédia do "nosso tempo".

Agora, findo o ciclo revolucionário contemporâneo, não vemos renascer a consciência trágica, ainda mais exacerbada pelo fracasso de tantas esperanças, mas nos deparamos com uma doce indiferença, uma inesperada leveza, como se a morte do futuro utópico tivesse encontrado um repouso compensador nas grandes catedrais do consumo que se erguem rapidamente para o nosso gozo do presente. A revolução refluíu para o "shopping center", a razão crítica moderna diluiu-se na razão cínica pós-moderna.

Na verdade, a consciência trágica, expressão da enorme tensão que atravessava um presente que operava a ruptura com o passado e projetava a máxima expectativa no futuro, deu lugar à consciência "light", à leveza de um presente que se esqueceu do passado e se desinteressou do futuro. Pois a modernidade ilustrada havia sobrecarregado a enfraquecida experiência histórica, desligada da grande tradição ocidental, com o peso insuportável de um futuro absoluto, "lugar" (ou-topos) da plena autorealização da humanidade. É desse peso insustentável que a nossa modernidade tardia quer desembaraçar-se, desvencilhando-se da exigência de ser, para mergulhar na simples leveza de estar, de deixar-se auto-absorver no

momento infinitamente diferenciado de um eterno agora.

A formidável energia civilizatória que o ideal programático do iluminismo propunha direcionar para a construção da "cidade do homem", teria que ser desinvestida da história para ser transfundida num novo imaginário. Não na imaginação minguada dos indivíduos, mas no grande imaginário coletivo, potencializado pela telemática, e que nos seduz como um simulacro de alteridade. Ou seja, cada "eu", sem sair de seu próprio lugar, pode transportar-se imaginariamente para um mundo rico de "experiências", migrar-se narcisicamente por uma infinidade de "outros eus" sem deixar-se prender por uma trama efetivamente intersubjetiva. Na verdade, a autêntica experiência (Erfahrung), marcada pela reciprocidade do reconhecimento intersubjetivo, degenerou-se numa mera vivência (Erlebnis), que se compraz no puro expressivismo e no jogo do desejo.

Marx estaria, então, com a razão: na crise da modernidade passa-se da tragédia à farsa. Mas com uma diferença essencial, pois na sua frase, a tragédia, a primeira manifestação do evento histórico, revela e define a farsa de sua repetição, enquanto que em nossa hipótese, é a farsa que denuncia e determina a inanidade da tragédia. Em outras palavras, não há primeiro a realidade e, depois, a ilusão, pois a ilusão tornou-se uma realidade, sendo a farsa e a tragédia como que os dois lados de uma mesma moeda. A moeda que bem representa um mundo em que tudo é equivalente e intercambiável, como se o desígnio fático de nosso século de tudo transformar, acabasse melancolicamente prisioneiro dos mitos da "dixneuviémite". Isto é, o século XX não foi capaz de pensar radicalmente, ou seja, filosoficamente, os limites que o século XIX se impôs e acabou enredado nos paradoxos de uma "modernidade pós-moderna", de uma modernidade que na sua realização efetiva suprimiu o seu próprio princípio de legitimação e, portanto, também a sua capacidade de apreender-se racionalmente a partir de si mesma.

Talvez pudéssemos interpretar essa situação paradoxal em que nos encontramos neste fim de milênio, como uma ocasião excepcionalmente propícia para empreender esse repensar radical da modernidade a que aludimos anteriormente. Porém, embora não tenhamos ainda o necessário recuo no tempo para avaliar essa possibilidade, é imprescindível nos perguntarmos acerca do comprometimento filosófico das "ciências humanas" com a "dixneuviémite", com os persistentes mitos do século dezenove. Será que as "ciências humanas" têm o mesmo dinamismo interno das "ciências da natureza" ou seriam apenas uma extensão de um projeto filosófico definitivamente ultrapassado?

Para nós, especialmente, é preciso questionar acerca do comprometimento da Psicanálise com esse projeto filosófico, sem nos acomodarmos na certeza imediata que se respalda em seu inquestionável êxito. Ao invés de suscitar arrogante despreocupação, esse êxito deve ser um estímulo para a dúvida e a interrogação, pois, afinal, qual é o seu sentido histórico-cultural? E de qual Psicanálise falamos e sobre qual nos desentendemos? Sobre aquela nascida na Viena médica e positivista do jovem Freud ou aquela outra da Viena escatológica do Freud da "pulsão de morte"?

A Psicanálise nasceu no coração da modernidade, mas daquela modernidade vienense que já desconfiava de si mesma ao investigar um de seus mais caros pressupostos filosóficos: o caráter representacional da linguagem e o seu conteúdo referencial. Nascida, assim, por excelência, como uma "hermenêutica da suspeita", a Psicanálise não pode eximir-se a si mesma da suspeita. Por isso, para o psicanalista o sucesso e a certeza fácil que dele provém, essa espécie de levandade epistemológica, devem ser, mais do que nunca, motivos de inquietação.



Carlos Roberto Drawin

Psicólogo e professor de Filosofia da UFMG



CONSELHO
REGIONAL DE
PSICOLOGIA
CRP - 04



G E S T Ã O
PSICODIVERSIDADE
CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA - 04

■ **P**sicologia - Mito, uma expressão autêntica

■ **A**ntropologia - A função mítica resiste no mundo moderno

E S C U T A

BELO HORIZONTE, ANO 9 • Nº 39
DEZEMBRO 1992 / JANEIRO 1993



Sobre a remitologização da Consciência

Marco Heleno Barreto

Há quase um século Freud recorria ao mito de Édipo para descrever o dinamismo inconsciente das perturbações psíquicas de seus pacientes. Com isto, ele estava abrindo uma das vias pelas quais o mito retornaria ao cenário contemporâneo da cultura, não apenas como mais um objeto de estudos acadêmicos, mas como uma realidade viva da alma humana no presente. O modo mitológico de apreensão e expressão do real recebeu o selo de contemporaneidade no "processo primário" freudiano, sendo então reconhecido como um modo de funcionamento universal da psique.

Mas foi o nome de C.G. Jung que se vinculou definitivamente à questão do mito. Partindo da descoberta freudiana, Jung vai divergir do mestre e dar ao mito um estatuto diverso daquele que lhe confere a psicanálise clássica. Ao contrário do autor de *O Futuro de uma Ilusão*, Jung não acredita que o homem possa um dia prescindir do mito e instalar-se no reino da racionalidade pura. Tal esperança é ela mesma uma fantasia mítica, cujo personagem central - do ponto de vista mitológico - é o herói da razão, encarnado por exemplo em Édipo decifrando com o intelecto o enigma da Esfinge, e aparentemente destruindo o monstro imaginário (hoje diríamos: destruindo o imaginário). Mas o mito nos ensina que a Esfinge se vinga de Édipo: Tebas é assolada por doenças, seca, esterilidade. O erro e a ilusão de Édipo, segundo Jung, consistem em não ter reconhecido que "a perspicácia do homem jamais estará à altura do enigma da Esfinge"¹.

De certa forma, ao romper com a Psicanálise, Jung vai trocar o ponto de vista de Édipo pelo da Esfinge, adotando uma atitude para com as imagens do inconsciente que não se pauta essencialmente pela interpretação. Esta atitude, consubstanciada no méto-



do a que ele deu o nome de *imaginação ativa*, pressupõe uma concepção da psique como sistema auto-regulador onde a produção de imagens é tida como função necessária. Em outros termos: Jung confere necessidade e autonomia ao imaginário. Para ele, "a imagem e a significação são idênticas, e à medida que o primeiro assume contornos definidos, a segunda se torna mais clara. A forma assim adquirida, a rigor, não precisa de interpretação, pois ela própria descreve o seu sentido"².

"Só o mito pode exprimir a singularidade de uma existência"

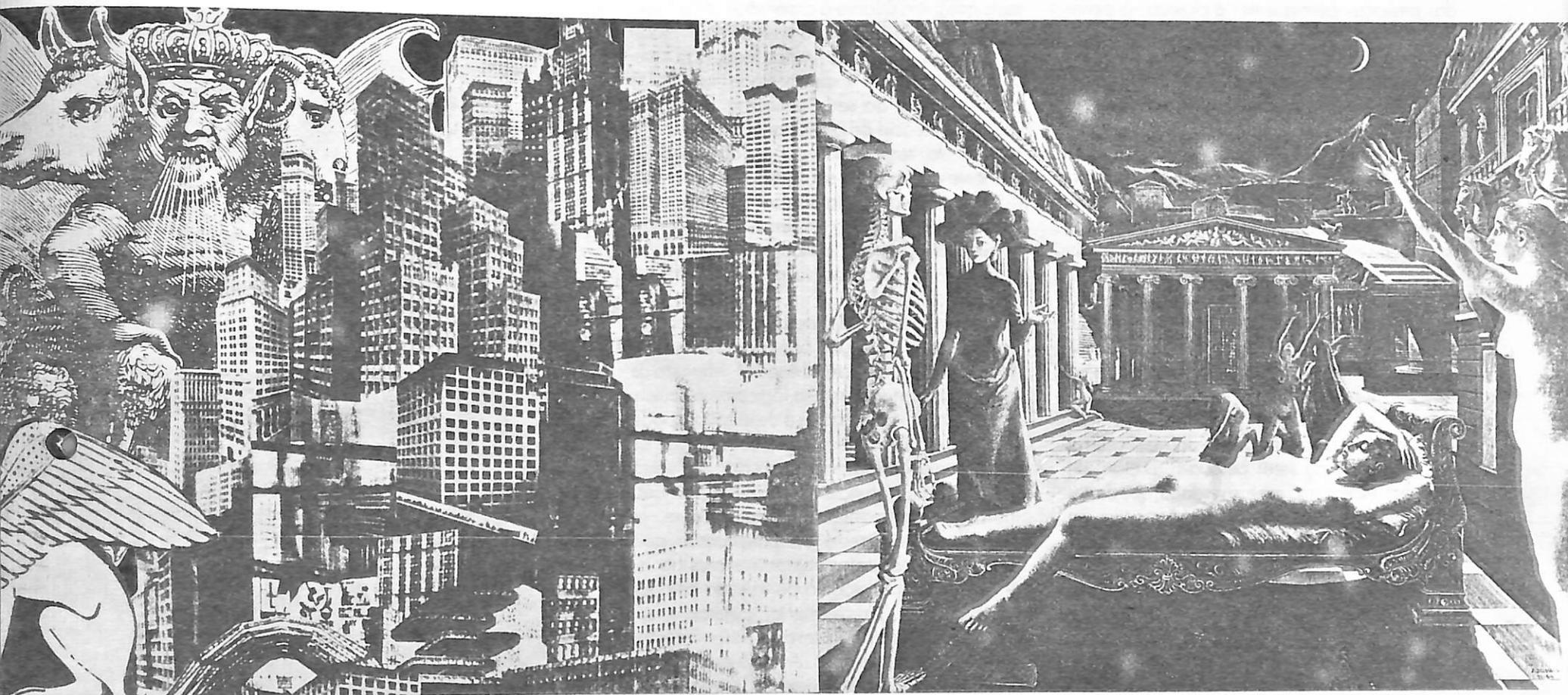
Na perspectiva junguiana, portanto, o mito (assim como o sonho, ou qualquer outro produto da imaginação humana) não é uma ilusão, não é um *disfarce* nem uma *formação de compromisso* a conciliar desejo e censura, mas antes a expressão autên-

tica e própria de um fato psíquico. A forma mitológica de narração é insubstituível ou irreduzível a qualquer outra (já incluída a forma intelectual da interpretação), e pretender eliminá-la, segundo Jung, equivale a mutilar a alma humana e incidir na doença, pois "os deuses tornaram-se doenças"³ após terem sido expulsos pela razão esclarecida do mundo consciente do homem moderno.

Na visão de Jung, a ciência é inadequada para expressar a riqueza múltipla e subjetiva de uma vida individual, uma vez que trabalha com noções médias e genéricas. Só o mito pode exprimir a singularidade de uma existência⁴. É isto o que explica o interesse da psicologia junguiana pela mitologia: trata-se de reintegrar o mito à consciência, ou, noutras palavras, remitologizar a consciência, já que a expressão mitológica corresponde a uma necessidade vital, o que a torna imprescindível à saúde psíquica.

"A mitologia, na Psicologia Junguiana, cumpre o papel de metapsicologia"

Aqui, contudo, é preciso fazeremos duas ressalvas, fundamentais para evitar um mal entendido muito comum. Primeiramente, remitologizar a consciência não é simplesmente abarrotá-la de conhecimentos mitológicos. Isto no máximo pode levar a uma erudição ampliada, mas não transforma essencialmente a forma de relação da consciência com o mundo. É certo que tais conhecimentos podem ser de grande valia para ordenarmos certas experiências em que o imaginário irrompe na consciência com tal intensidade que leva muitas vezes à desarticulação psicótica. O estudo de fôlego que Jung realiza sobre as imagens arquetípicas visa justamente apreender a gramática da linguagem mitológica, e assim capacitar-nos a compreender as imagens particulares que afloram na singularidade in-



dividual de uma existência. A mitologia, na psicologia junguiana, cumpre o papel de *metapsicologia*, apontando para as estruturas antropológicas do imaginário que fornecem um referencial objetivo para os eventos psíquicos subjetivos. Mas, prática e propriamente falando, remitologizar a consciência significa dotá-la de uma sensibilidade especial que lhe permita apreender os fatos da vida segundo o modo mitológico, o modo das imagens. Para esta consciência, a realidade não é tomada e vivida apenas em seu sentido literal, concreto, mas também como um acontecimento imaginário. Com isto, cai por terra a rígida demarcação que opõe realidade e sonho, e compreendemos "ser a realidade um poder de sonho e o sonho uma realidade"⁵.

"A consciência remitologizada não pode ser a consciência mítica arcaica, pré-moderna"

Em segundo lugar, devemos ter em mente que a consciência que se defronta com o mito vivo nas imagens do inconsciente é uma consciência *contemporânea*. Jung reconhece o dilema faustiano do homem moderno, e insiste em que a resposta ao mesmo deve levar em conta o fato de sermos herdeiros da ciência e da *Aufklärung*. Assim, a consciência remitologizada não pode ser a consciência mítica arcaica, pré-moderna. Também não é a consciência "ingênua", alienada de seu próprio dilaceramento, que recorre às prestidigitações dos magos de feira, tão em voga em nossos dias, evadindo-se das aflições e problemas cruciais do presente. É tão pouco trata-se de uma entrega simples às imagens do inconsciente, pois a Esfinge é um monstro devorador de homens, e este devoramento mitologicamente significa a catástrofe da humanidade. A nova consciência sugerida em Jung nasce do "confronto com o inconsciente"⁶, e dialoga genuinamente com as

imagens, continuando o sonho, como propunha Jung. Para esta nova consciência, o mito já não pode mais ser uma verdade literal, mas sim um "reflexo psíquico", uma ficção que pode nos curar da doença terrível de nossas verdades eternas e certezas absolutas⁷. Retornando à nossa metáfora, a nova consciência imaginal⁸ reconhece na Esfinge uma expressão adequada para o enigma insolúvel da alma humana, matriz primordial de nossas venturas e tormentos, e, ao invés de fornecer-lhe uma resposta intelectual simples e unívoca, convida-a a contar-nos suas histórias, belas e monstruosas, sempre pertinentes à situação do interlocutor, incentivando-a a cumprir seu desígnio próprio, que é precisamente mitologizar.

Marco Heleno Barreto é psicólogo formado pela UFMG e mestando em Filosofia pela UFMG

Notas

(1) JUNG, C. G. *Símbolos de Transformação*. Petrópolis, Vozes, 1986, p. 166.

(2) JUNG, C. G. *A natureza da psique*. Petrópolis, Vozes, 1984, p. 141.

(3) JUNG, C. G. e WILHELM, R. *O segredo da flor de ouro*. Petrópolis, Vozes, 1983, p. 50.

(4) Cf. JUNG, C. G. *Memórias, sonhos, reflexões*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981, p. 19.

(5) BACHELARD, G. *O ar e os sonhos*. São Paulo, Martins Fontes, 1990, p. 13.

(6) Cf. JUNG, C. G. *Memórias, sonhos, reflexões*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981, p. 152 ss.

(7) Há, sem dúvida, uma proximidade entre o que descrevemos como consciência remitologizada ou imaginal e a experiência artística. Por limitações de espaço, não podemos abordar este tema aqui. remetemos o leitor ao livro de Joseph CAMPBELL, *A extensão interior do espaço exterior*. Rio de Janeiro, Campus, 1991, capítulo 3.

(8) Cf. HILLMAN, J. *O mito da análise*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

Acabamos nós, ou Acabaram-se nossos mitos ?

Já foi-se o tempo em que nossos Mestres referiam-se ao "Mito" como a uma doença infantil da humanidade, doença que boa terapia "racional" acabaria por eliminar do elenco das ameaças permanentes à clareza, à penetrante sutileza, à eficácia transformadora enfim, do nosso espírito. Os primitivos tinham "mitos", felizmente teríamos nós filosofia e história.

Estava simples o esquema. Por doença de linguagem, e aplicação a uma série de seres naturais de um vocabulário expressivo das atividades humanas ("O sol levanta-se...") ou então através de uma interpretação abusiva de experiências misteriosas, como as do sono e dos sonhos, o universo percebido pela consciência primitiva povoava-se de "duplos" espirituais, animava-se de almas fictícias, situava-se no prolongamento histórico e imaginários acontecimentos primordiais, que lhe conferiam densidade e sentido. O "Mito" era, então, "uma narrativa fabulosa, de origem popular e não refletida, na qual agentes impessoais, o mais das vezes forças da natureza, são representados sob forma de seres pessoais" (Dicion. de Filosofia). Acrescentava-se, é verdade, que destes seres fabulosos as "ações e aventuras têm um sentido simbólico". Mas o importante, para uma civilização "positiva", continuava sendo reduzir esta dimensão simbólica a seu verdadeiro papel: um ornamento, um florilégio, uma decoração, eventualmente agradável, mas na verdade supérflua e gratuita... O discurso da ilusão fabuladora devia deixar lugar ao da exatidão e da verdade. Definitivamente.

Mas a humanidade continuou a sonhar. Mais ainda, ela descobriu que se um organismo, por meios artificiais, conseguisse proibir-se o sonho, ele poderia morrer e que, de qualquer modo, "um homem que não sonha é uma pessoa asquerosa" (Buñuel); que "o mito, enfim, representa, do ponto de vista filogenético, o equivalente do sonho na vida individual" (Freud)

O Mito estaria então definido por um laço exclusivo com o mundo retual e religioso? Seria ele, como dizia Mauss, "uma história na qual se acredita e que leva, em princípio, a realizar ritos; parte do sistema obrigatório das representações religiosas"? Sem dúvida, mas as pesquisas etnográficas levaram rapidamente à convicção, correspondente, aliás, ao pensamento de Mauss, amadurecido no diálogo com um grande pesquisador do mundo da Oceania (Leenhardt), de que o mito não cristaliza necessariamente a sua narrativa num discurso verbal organizado: gestos, palavras-chaves, arquiteturas, uso ritual de determinados objetos, ritmos musicais ou danças, bem como os próprios movimentos estereotipados das atividades do trabalho produtivo podem, tanto quanto um discurso, reafirmar e reforçar a presença dos seres primordiais, à raiz de sentido do quotidiano existencial. Por sua vez, esta parte da existência iluminada e protendida pelo mito não se reduzia a uma categoria de ações particulares, de características formais específicas: as ações que nós, modernos, chamamos "religiosas". Ao contrário, nas sociedades e culturas definidas pela dimensão mítica, não existia tal departamento circunscrito da existência; é a totalidade das situações "vitais", desde as mais humildemente quotidianas até às mais estruturantes, que, na medida em que eram capazes

de "fazer pensar" suscitando indagações e dúvidas, recebiam uma *explicação* através dos mitos, os quais, por sua vez, *implicavam* uma lógica existencial que *fazia viver*. Graças, não tanto aos mitos quanto à dimensão mítica assim coextensiva à existência, a intuição da unidade do homem e do mundo, nunca formulada sistematicamente, era "experimentada nas fibras mais profundas do ser" (Leenhardt). E, através desta experiência de participação, o tempo era recuperado, regenerado por ser conjugado à sua fonte e origem; o ser, gasto pela quotidianidade, se restabelecia porque fundindo-se ao ser mesmo do tecido universal. O que não impedia a operação concomitante da razão especulativa, ao raciocínio por causalidade e da lógica pragmática...

Assim a Antropologia descobria que a razão analítica, cuja operação consiste em recortar o fluxo da existência cósmica e social, referindo os seus pedaços a uma malha logicamente articulada de conceitos abstratos e denotativos, pode não esgotar o processo através do qual os grupos humanos dão forma e sentido ao universo que os sustêm. A função "racional" e a função "mítica", tendencialmente opostas, podem - e devem, existencialmente - compatibilizar-se, pois representam momentos complementares do investimento epistemológico do universo pelo espírito humano. Simplesmente, culturas e sociedades diferentes utilizam estes dois momentos em diferentes proporções. A nossa civilização singularizou-se pelo privilégio dado a um deles, - o que fez a sua eficácia na empresa de instrumentalização e transformação do mundo - chegando quase a pretender excluir a dimensão mítica. Mas não o saberia conseguir. Nas perspectivas que evocamos, o pensamento mítico, expoente-mor do "pensamento selvagem", é coexistente à humanidade, e presente, tanto quanto o pensamento científico, em qualquer grupo social, por "moderno" que se queira. O que pode acontecer é que, recalcado em nome da dignidade e preeminência de uma versão limitada e exclusiva da "razão", ele se disfarce e consiga reemergir, do interior mesmo da própria "Ciência", então transformada, como o "Progresso" unilinear que lhe é correlativo, num dos Mitos maiores da civilização contemporânea.

Para o bem ou para o mal da humanidade, pequenos mitos mascarados continuarão a animar o seu quotidiano viver e grandes Mitos a propulsá-la para o seu futuro. Longe de se opor à História, Mitos de origem e Mitos escatológicos sustentam o esforço construtivo dos grupos sociais, e nenhuma identidade social havia de emergir e subsistir por muito tempo, superando obstáculos externos e crises existenciais, sem este trabalho estruturante da imaginação, que lhe impõe conformidade a permanentes Arquétipos ou a modela em novidade segundo versões emergentes dos mesmos. - ou de outros!

Acabou mesmo o tempo das ideologias, das utopias e dos sonhos coletivos? As correntes civilizatórias encerraram-se definitivamente na era da racionalidade instrumental? Ou antes, de modo subreptício ou escandalosamente escancarado, continuará o fluxo mítico a irrigar a vida social, infundindo-lhe mobilização e energia, fornecendo-lhe, fúteis ou radicais, os indispensáveis motivos para que continue a se querer o que não pode deixar de ser: Vida?

Pierre Sanchis

Professor de Antropologia do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais

